

SEC
39592/
- 779 -

Almyra
ERNESTINO DE OLIVEIRA

Uma viagem ao pitoresco Papuri

CONFERENCIA REALIZADA NO
"IDEAL CLUB", DE MANAOS, EM 10
DE MARÇO DE 1932, SOB O PATRO-
CINIO DO INSTITUTO GEOGRAFICO
E HISTORICO DO AMAZONAS.
APRESENTAÇÃO DO CONFEREN-
CISTA PELO SECRETARIO PERPE-
TUO DO INSTITUTO, DR. ARTHUR
CESAR FERREIRA REIS. O O O



749

MANAOS-1932

DO MESMO AUTOR

Literatura e diversos.

ASSOMBRAÇÃO, SAUDADE, MOÉDA FALSA, SÓROR JUSTINA, ENTRE CASAIS, A VIDA, A ROSEIRA, RECORDAÇÃO, ETC. — Contos publicados no Jornal «A Bôa Noite» Rio de Janeiro.

A QUESTÃO HOSPITALAR—Dois artigos publicados no Jornal «A Noite»—Rio de Janeiro.

A QUESTÃO DO ENSINO—Publicação d«O Paiz»—Rio.

COÉMA PIRANGA (ALVORECER)—Romance desenrolado na região do rio Javari, no Amazonas —(A sair em Junho).

PAPURÍ QUÊRTÍ (Lendas do Papurí)-Pronto a ser publicado.

LENDAS COLOMBIANAS (em preparo).

ESTUDO ETNOGRAFICO DA REGIÃO DO RIO NEGRO (em preparo).

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA SEXOLOGIA (Pronto, aguardando publicação).

PIONEIROS DO AMAZONAS (Estudo sobre a vida e obra dos principais penetradores da Planície)—(Em preparo).

Ciencia.

OSTEOTRAUMATOLOGIA DA ESPADUA — (Téze de Doutoramento aprovada com distinção pela Universidade do Rio de Janeiro.)

VICIOS PELVICOS E GRAVIDEZ—Téze apresentada á Sociedade de Internos de Hospitais.

HEMOPTISES—(Publicados nos Arquivos Paulistas de Biologia).

CURA DE UM CASO DE NEURALGÍA PELO ASPIR (Publicado nos Arquivos Paulistas de Biologia.

TRATAMENTO DE URGENCIA DAS FRATURAS— (A ser publicado em Julho de 1932).

MEDICINA DE URGENCIA (Pronto a ser publicado).

TRATAMENTO SANGRENTO DAS FRATURAS (em preparo).

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA ORTOPEDÍA (em preparo)

DR. ERNESTINO DE OLIVEIRA

Uma viagem ao pitoresco Papurí

CONFERENCIA REALIZADA NO
"IDEAL CLUB", DE MANÁOS, EM 10
DE MARÇO DE 1932, SOB O PATRO-
CÍNIO DO INSTITUTO GEOGRAFICO
E HISTORICO DO AMAZONAS.
APRESENTAÇÃO DO CONFEREN-
CISTA PELO SECRETARIO PERPE-
TUO DO INSTITUTO, DR. ARTHUR
CESAR FERREIRA REIS. O O O

MANÁOS-1932

1432



Palavras de apresentação do conferencista,
proferidas pelo 1.º Secretario do Instituto,
dr. Arthur Cezar Ferreira Reis

SNR. INTERVENTOR FEDERAL.
SNR. PRESIDENTE DO INSTITUTO.
SENHORAS E SENHORES.

O desbravamento e a conquista do Rio Negro veem de longe. De meados do seculo XVII. Não terminou ainda. Missionarios, sertanistas, commissões scientificas, capitães-generaes, tropas de guerra, movimentando-se pelas aguas da grande artéria, verificando-lhe os segredos, desde aquellas horas, veem trazendo contribuições vastíssimas ao conhecimento do valle. Até agora, porem, ainda falho. Em varios, em muitos pontos, nem sequer o civilizado branco chegou, para assignalar-se num toponymio, num levantamento, numa noticia commercial.

E se o conhecimento é assim mirrado neste instante, que dizer-se sobre occupação, povoamento, colonisação? Nos tempos coloniaes as rezervas humanas nativas escondiam-se por lá provocando a investida cubiçosa do preador, a assignalar-se pela barbaria, em arremetidas violentas, sangrentíssimas. Depois, com a entrada do missionario, nascendo aldeamentos, as missões; a fundação da Capitania de São José do Rio Negro, criação de villas e logares de nome luzitano, teve principio o povoamento regular. Uma estimativa de Ribeiro de Sampaio dá para a região, em 1774-1775, estes algarismos: 656 moradores! Tudo até alem das cachoeiras; dellas para cima, com minusculas excepções, o dominio da bugrada, comquanto o sertanista a tivesse visitado

assiduamente. De 1760 em diante fez-se a occupação desse trecho — casas fortes, povoados, até Marabitanas. Pelos afluentes que ahi veem ter, ligeiros reconhecimentos. A incorporação definitiva opera-se, porem, com as providencias do capitão-general Pereira Caldas, soldado e estadista, grande espirito, grande acção na Amazonia Portuguesa. Com a independencia, com a vinda da capital, de Barcellos para o Logar da Barra, principia a decadencia. Decadencia, porque até então eram lá as fabricas, as lavouras, os homens de governo, dando vida, movimentando tudo.

Até 1877, houve periodo de intenso desanimo. Hilario Gurjão, mais tarde general de feitos illustres nos campos do Paraguay, escreve que em 1854-1855 encontrou em Barcellos 18 casas! Naquelle anno, com a chegada do retirante cearense, reanima-se um pouco. A aventura do ouro negro communica certa vibração. Mas em pouco tempo volta o desanimo.

No momento que vivemos, perdura a escassez do povoamento. Do povoamento e do conhecimento exacto do que vae em taes reconditos. Ha, em dominio quasi absoluto, como nos seculos passados, alguns milhares de nativos, que os Salesianos cathequisam, civilizam realizando obra de vulto. Zona de fronteiras, bem carece, porém, das attenções officiaes, que poderiam ser positivadas na installação de colonias militares, nucleo donde partir o vigia zeloso da integridade nacional e onde realizar-se o aproveitamento das energias do selvicola.

O dr. Ernestino de Oliveira, medico da comissão brasileira de limites com a Colombia, percorrendo demoradamente aquelles pedaços do territorio nacional, emocio-nou-se. Viu, no passado e no presente, o que vos digo agora. Os aspectos da terra e o homem que a occupa causaram-lhe fundas impressões. Verificou, então, por entre surpreso e entusiasmado, que estava diante de um campo virgem ás pesquisas de um estudioso honesto. O typo do amerindio, o linguajar de que se serve, o folk-lore curiosissimo que o distingue de outros agglomerados selvagens, alli se apre-

sentavam pedindo quem os viesse examinar com amor, em inqueritos scientificos, em pesquisas minuciosas. Koch Grunberg, os salesianos, os missionarios colombianos de Monfort, recolheram algum material. Mas era insignificante o trabalho; e o filão, desses que offerecem possibilidades formidaveis.

O dr. Ernestino de Oliveira, iniciado naquelles estudos pelo convivio do grupo brilhante do Museu Nacional, Roquette Pinto á testa, sentiu-se tentado á empreza. Tinha grandes obrigações, é verdade. A vida de seus companheiros, vindos ás êrmas paragens em missão da patria, estava entregue aos seus cuidados. Grande a responsabilidade. Grandissima. E elle era só para tamanho serviço. Embora, mas sem descurar de seus deveres, pois que sabe avalial-os dignamente, empenhou-se na tarefa, com a mais viva paixão.

Do esforço que dispendeu resultou um punhado de monographias, de proxima edição -- *Lendas Colombianas, Lendas do Paporí, Estudo ethnographico dos indios do Alto Rio Negro*, manancial precioso, todo elaborado dentro dos principios technicos que presidem a feitura de ensaios desta natureza.

A conferencia que ides ouvir, elle a organisou com os elementos desses livros. Vae revelar-vos um escriptor de altos dotes, manejando terçamente o idioma nacional, phrases polidas, dono do assumpto sobre que se pronunciará.

Enamorado da Terra Verde, sentindo-a com alma, surprehendendo-a na sua physionomia tumultuaria, barbaresca ainda, tem exaltada admiração pelo homem que ella modela, pelo intruso que a pretende combater. A fila de sabios que, anno a anno, veem descobril-a, não lhe passou despercebida. Quiz, por isso, olhal-a tambem. E de perto, com olhares de quem inspeciona para saber bem. Nos *Pioneiros da Amazonia*, já em preparo, teremos o retrato de todos, pequenos e grandes, sem distinção de nacionalidades, anotados, apontados pelo que apuraram, numa visada rigorosa. Em *Coêma Piranga*, a sahir em Junho, o romance do invasor, do nordestino penetrando a hinterlandia, no drama do ouro negro, o Javary por scenario, o nativo figurando como protagonista de relevo.

O dr. Ernestino de Oliveira, quando vos dirigir a palavra, ha de crear-se um ambiente de magnifica sympathy intellectual. O Instituto Geographico e Historico do Amazonas, dando-lhe o patrocínio da festa que nos reúne aqui, sentiu-se á vontade. Desde o primeiro instante enxergou-o, escondido numa grande modestia, habil, sabedor. Abriu-lhe as portas de sua Casa sem receios.

O dr. Ernestino de Oliveira vae falar. Com a sinceridade que o caracteriza, num depoimento de testemunha acima de qualquer suspeita.

EXMO. SR. INTERVENTOR DO ESTADO DO AMAZONAS.
EXMOS. SRS. MEMBROS DO INSTITUTO GEOGRAFICO
E HISTORICO DO AMAZONAS.
EXMOS. SRS. REPRESENTANTES DA IMPRENSA.
EXMAS. SENHORAS.
MEUS SENHORES!

Ao aparecer nesta tribuna trazido pela mão magnanima de Arthur Reis, não julguem que me move a vaidade estulta ou o desejo de me apresentar perante tão seletto auditorio como um escritor ou como um propagandista do trabalho proprio. Não ! Aqui estou, não para contar-vos o que se passou comigo na penosa viagem que fiz á zona pitoresca dos *Rio Negro*, *Uaupês* e *Papuri*, como medico que era da Comissão Demarcadora de Limites do Sector Oéste. Venho relatar-vos o que assisti, mostrar-vos, na minha fraca expressão e falta de habilidade, o que lá se encontra, as dificuldades superadas para atingir a méta desejada, a vida do campo e do sertão, a ingratidão da tarefa que nos distribuiram e, depois, dizer-vos, num rapido bosquejo, feito a tres traços ligeiros, como os desses caricaturistas de via publica, sem preocupação de estílo, sem vivacidade de cultura, sem, sobretudo, demonstração de uma pernesticidade implicate, alguma cousa da vida dos selvagens, nossos patricios, nossos irmãos, donos desta terra onde vivemos e os quais vivem

perdidos nos latifúndios do hinterland amazonico, desconhecidos quasi do resto do mundo e até mesmo de certos amazonenses . . .

Antes porém de iniciar a nossa rapida palestra, motivo agradável de uma reunião amiga com a sociedade amazonense, que tão bem sabe acolher os forasteiros nacionais e estrangeiros ,quero agradecer do imo do coração, com a maior sinceridade, ao bom amigo, inteligente literato e homem de cultura, que se chama Arthur Cezar Ferreira Reis, o qual num requinte de gentileza, provando mais uma vez a elegancia moral dos filhos da planicie, se aventurou afrontar as vossas justissimas iras, apresentando-me em publico, para a realização da presente conferencia. A cultura deste amigo, já um grande erudito em cousas nacionais, está sobejamente provada no seu recente livro—Historia do Amazonas—onde fazendo verdadeiro malabarismo com uma cópia imensa de documentos, conseguiu restabelecer irrevogavelmente a verdade de muitos fatos historicos, anteriormente divulgados de maneira errada.

A' ele um muito obrigado !

«Quem á bôa arvore se encosta, bôa sombra o colhe» diz um velho rifão. Por isso o Dr. Arthur Reis, por intermedio da alma bôa e ilustrada do Professor Agnello Bittencourt, fez com que sobre a minha ignorancia se abrissem as azas caritativas do venerando e acatado Instituto Geografico e Historico do Amazonas ; a minha recordação por isso será eterna bem como eterno será o meu arrependimento de os haver induzido a arcarem com responsabilidade de tão grande jaez.

Finalmente, meus caros e pacientes ouvintes, genuflexo, constricto peço-vos tambem permissão para agradecer o obsequio de haverdes aqui comparecido,

trazendo certamente uma grande dóse de bôa vontade, para ouvirdes o obscuro orador que vos fála.

I

Breves noções historicas

Quem viaja do sul do país ao interior do Amazonas, já muito penetrado pelos exploradores, mas entretanto não suficientemente conhecido, sente o primeiro deslumbramento, encontrando aqui na imensa planície verde e vermelha uma cidade modelo, com os seus palacios, os seus edificios modernos e com um conforto que, não raro escasseia em cidades de maior monta. Dizem que toda esta beleza é fruto do ouro dourado do coração dos filhos de Manáus. Não é o ouro metalico que faz a alegria dos povos:—é o ouro do coração! E assim, não foi a opulencia da cidade de Manáus, com uma industria moderna, ruas largas e bem calçadas, higienicas, com grandes comodidades, que mais nos agradou. Nada disso tem valor para o homem que viaja acostumado a encontrar aqui e alí desigualdades esteticas, as diferenças panoramicas, os altos e baixos do espirito humano. Só ha uma cousa que inflúe sincera e perenemente no nosso coração, que se fixa para sempre na memoria do viajor:—é o acolhimento carinhoso da terra aonde chegámos.

E havendo Manáus recebido de braços abertos, num grande e fraternal amplexo de amizade a Comissão Brasileira que vinha demarcar os limites com o país amigo de Colombia, fez ao par desta imensa satisfação, sentida logo no inicio, pungir ainda mais acerbamente a dôr da saudade, na noite em que pelas 21 horas, no Roadway, as Comissões irmanadas—Brasileira e Colombiana—se aprestavam para seguir rumo

às regiões penetradas outr'ora pelos vaqueadores da *Hilæ*, quando no sangrar as seringueiras esbeltas e altivas do interior da intrincada floresta, procuravam os elementos com que se haveria de obter o estupendo adiantamento material e intelectual desta terra de Aju-ricaba!

Eram 21 horas do dia 15 de Julho de 931, quando as duas Comissões recebendo o carinhoso adeus da sociedade amazonense, ao som de uma banda marcial a que os nossos amigos do 27º B. C. emprestavam todo o carinho, seguiram rumo a seus destinos. Uma para o *Japurá* e outra para o *Papurí*.

A Turma que seguiu para o *Japurá*—aqui vai uma perfidia inocente, si inocentes pudessem ser as perfidias—foi em um ótimo navio, o *Nariño*, telado, com algum conforto. Nós fomos em lanchas pequenas, que rebocavam batelões. A principio ha de parecer que os nossos amigos do *Japurá* gozaram melhor a beleza da terra verde... Puro engano! Tudo na vida tem a sua compensação e, apesar de havermos passado horas tristes de grande apreensão, no interior do Inferno Verde ou como eu digo, do Paraizo de Esmeralda, a zona que percorremos foi muito mais bela, mais cheia de encantos, mais prodiga em acidentes, mais fertil em estetica e tanto, que ao regressarmos ainda sentimos profunda a móssa de saudade no coração.

Foi em 28 de Outubro de 1637, que partiu de Cametá com destino a Quito uma Comissão exploradora do Amazonas. Era uma frota luzida, composta de 70 canôas bem aprestadas, sob o comando do Capitão Pedro Teixeira. Ao final da viagem, depois de muito trabalho, com alguns doentes, conseguiram alcançar a cidade de Quito, então vilarejo indigena sem grande expressão civilisada. Aí se encontravam autoridades

espanholas, que exerciam a ação sobre o gentio e fiscalisavam o commercio. Foi essa expedição de Pedro Teixeira, como judiciosamente me fez observar Arthur Reis, que abriu ao resto do mundo a navegação do grande caminho de agua e que provou a perfeita navegabilidade até os pontos mais afastados. Na sua audacia, na temeridade da empresa, no arrojo da execução ficou perfeitamente provado aos olhos do mundo de então o valor do empreendimento de Pedro Teixeira.

Tempos depois, outras expedições de menor importancia tentaram atingir o Rio Negro.

Só em 1669, foi que Francisco da Mota Falcão, por ordem do Governo do Estado do Maranhão e Grão Pará, que então constituíram uma unica administração, mandou construir o *Forte de São José da Barra do Rio Negro*. Um pouco antes, Pêdro da Costa Favela havia fundado com os indios *Tarumãs* e *Aruaques* a aldeia de *Tarumã*, situada acima da Barra do Rio Negro. O Forte de S. José da Barra do Rio Negro era a defeza do rio, caminho de penetração portugueza e de descida do gentio, enquanto que a aldeia de *Tarumã*, constituia antes um nucleo de população aborigena, á qual *Frei Theodosio* procurava administrar as noções de religião e por meio delas algumas tinturas de civilisação. Com o desenvolver dos tempos a Barra do Rio Negro progrediu, fundando-se em torno outros nucleos de população, ficando assim virtualmente garantida a passagem para rio acima.

Outras notas historicas ainda detalhariam a evolução destas plagas. Preferimos entretanto silenciar, dada a feição rapida desta conferencia. Lembremos comtudo que varios outros exploradores, como *Frei Maria Magdalena* subiram o Rio Negro, procurando

catequizar o gentio e com eles manter o commercio de especiarias que por essa epoca permitia grandes lucros aos seus praticantes.

A 23 de Maio de 1761, o Capitão José da Silva Dalgado foi designado para fundar os diversos nucleos de acima Rio Negro. Assim fundou as povoações de *São Pedro do Simapê, São José de Marabitanas, Santa Maria, Santa Barbara, São João Batista, do Mabê, Santa Izabel, Senhor da Pedra, Nossa Senhora de Nazaré do Curiana, São Gabriel da Cachoeira, São Sebastião, Santo Antonio do Castanheiro Velho*, etc. Estava portanto penetrado e explorado o Rio Negro, abertas as portas dos afluentes, aplainada a estrada e de então para cá, seria bem mais facil, aos outros singradores viajarem até o seu interior commerciando.

Mais tarde já nos nossos dias o sabio allemão *Koch Gruenberg*, aqui veio a serviço de institutos estrangeiros de estudos etnograficos, cruzando toda a região, colhendo farto material — botanico, etnologico, geologico, etc. — que constituiu tempos depois a maravilhosa monografia intitulada: «Dois anos entre os selvagens do Rio Negro». Tambem o espirito brilhante e extraordinariamente arguto de *Curti Ne-muendajú*, sulcou as aguas rionegrinas, subiu até o *Uaupês*, atingiu o *Papurí* e arrebanhou esplendida mèsse de elementos de estudo.

A Inspeção de Fronteiras, do Ministerio da Guerra, dirigida pelo espirito perscrutador das cousas nacionais do Snr. General Rondon, enviou o Snr. major Boanerges Lopes de Souza e o Dr. Glycon de Paiva, para numa arrancada, varejaram o caixão onde corre o Rio Negro e daí tirarem os elementos de estudo naturais e topograficos que a zona compor-

tassee. O relatorio brilhante do Dr. Glycon de Paiva foi publicado pelo Instituto Geologico e Mineralogico do Ministerio da Agricultura, emquanto que as conclusões colhidas pela sagacidade e intelligencia do Snr. Major Boanerges, foram admiravelmente sistematizadas com farta documentação fotografica, no relatorio da Inspeção de Fronteiras, ainda não publicado até o presente.

Vêm por isso os meus admiraveis e pacientes assistentes que as plagas por onde andámos, estão aparentemente muito vasquejadas. Entretanto afirmo que isto é pura ilusão. Só a Inspeção de Fronteiras é que atingiu *Japú Cachoeira* situada logo acima dos pontos onde o *Paca* vem defluir no *Rio Papurí*, ao passo que os outros mateiros do inferno verde, ficaram muito abaixo ou penetraram directamente terra firme a dentro, abandonando as margens dos rios.

I I

A Viagem. Do Rio de Janeiro ao rio Papurí. Das comodidades do automovel a dum motogodile.

Do conforto do transatlantico á ubá indigena.

O *Rio Negro* afluente da margem esquerda do *Solimões*, que se despenha dos alcantilados das regiões do *Popayan*, na *Colombia*, corre arrebanhando a seiva de numerosos afluentes, cujos principaes são o *Branco* e o *Uaupês*. Depois de se estreitar em *São Gabriel*, ou melhor um pouco acima em Fortaleza, como chamam, que é a cachoeira proximo ao antigo forte, rodopia no vortice das aguas eriçadas, em cachoeiras alucinadas, nas quais o espanejamento pontilha o ar de perolas policromaticamente irisadas pelos raios do sol, vem se jogar no magestoso *Solimões*, após haver lavado os portos de uma infinidade de pequenas povoações.

O panorama do *Rio Negro* é dos mais maravilhosos que se conhecem e no seu desenvolver por leguas além, tem-se a impressão de que a sua solenidade aumenta cada vez mais dado o numero extraordinario de cachoeiras e pedras que lhe afloram á superficie das aguas. O *Barão Von Hoonholtz*, afirmou que em certos pontos o *Rio Negro* tem largura superior a 10 quilometros. Tambem a amplitude da vastissima *Baía de Boiassú*—da *Cobra Grande*—situada logo acima de *Manáus*, prova que a asserção não é sem fundamento. O aspecto encantador, profundamente magestoso, deste rio soberbo, desperta-nos o sonho e o temor, e o anseio, ao mesmo tempo que os desejos de o perscrutarmos mais minuciosamente.

A energia do homem que o singra, sente-se diminuida não tanto pelo isolamento em que aí se vive, como pela grandeza das aguas deste imenso rio, o verdor das suas margens e os escachoar continuado de suas cachoeiras e corredeiras. O que *Frederico Hart*, certa vez em que estava fazendo estudos sobre o Amazonas disse do *Rio-Rei*, depositando a pena sobre a mesa de trabalho, poderia qualquer outro sabio dizer-lo tambem do *Rio Negro*:—«Não sou poeta». Realmente a descrição desta belissima estrada escura seria antes melhor descrita por um poeta do que por um cientista.

As aguas escuras, tão escuras que impressionaram *Wallace*, *Humboldt*, *Netter*, *Agassiz*, e muitos outros. O Sub-Chefe da Comissão Brasileira, *Coronel Themistocles Paes de Souza Brasil*, afirma que as aguas têm essa côr devido principalmente á grande quantidade de argila, impregnada de humus, que contêm. Realmente, de rapida pesquisa feita com uma solução de alumen, ficou provada cabalmente esta aseveração. En-

tretanto é possível que existam outras causas, mas na realidade esta é uma delas.

Das diversas cachoeiras—*Camanáus, Curu-Curuí, São Gabriel, Paraná-Pixuna, Piquiára-Picuna, Mata-pí, Acuarí, Ponta do Remo, Caldeirão, São Miguel, Carangueijo*, etc., sente-se o vozeirão, perdido na confusão da espuma. Continuadamente essas cachoeiras ameaçam a vida dos navegantes e mais de um tem pago com o holocausto da própria vida o afoitamento de se atirar, descuidado ou de embarcação sobrecarregada no regime da corrente. As *Furnas*, portentoso portico de pedra, um pouco abaixo de *Camanáus*, puzeram em terror os navegantes que conduziam as nossas pequenas embarcações.

Depois de alguns dias de viagem, chegamos a *Santa Isabel*. No mapa *Santa Isabel* se escreve com letra de grande tipo. Tem-se a impressão de que vamos encontrar uma grande cidade florescente, mas o nosso espanto ultrapassa o limite do tolerável, quando encontramos em *Santa Isabel*, somente uma casa comercial, do *Snr. J. G. Araujo*, com algumas outras casas pequenas e toscas em torno. Antes porém de chegarmos a este ponto admiramos por toda a nossa viagem nas margens, as barracas do imigrado, minúsculas, cobertas de caranã, construídas sobre quatro esteios á pique, onde está demonstrado o eterno nomadismo dos habitantes do Rio Negro e talvez de todo o Amazonas, na perene ansia de procurar a borracha. Talvez esse nomadismo seja anterior á época da borracha, date do tempo em que a pesca constituia uma das principais riquezas desta terra admirável. Não adianta construir casa mais solida pois o homem é ainda um intruso, como dizia airoosamente a pena fulgurante de *Euclides da Cunha*. Tudo aqui é estra-

nho e os poucos homens que no *Rio Negro* construíram habitações definitivas, com maior conforto, sentem-se hoje quasi desanimados, á vista da precariedade dos recursos da zona.

Mais acima, continuando a nossa viagem, encontramos com extrema satisfação uma povoação que progride: *São Gabriel*. Pode-se dizer que *São Gabriel* representa toda a vida do *Rio Negro*, excluindo naturalmente a bela cidade de *Manáus*, que pela sua feição de Capital, deve ser o centro principal da planície. Em *São Gabriel* encontram-se casas comerciais, um esboço de cidade organizada, com habitações cobertas de telha e sobretudo uma grande Missão Salesiana, com o mais moderno aparelhamento de ensino, de agricultura e de medicina. Aí será a célula da futura cidade que com o perpassar dos tempos se irá organizando pouco a pouco...

Tributario do *Rio Negro* o *Uaupês*, com cerca de 130 milhas, foi percorrido pela Comissão só até *Umarituba* que demora a tres horas, de motor acima de *Jauaretê Cachoeira*, onde o *Rio Papurí* vem desaguar no *Uaupês*.

A viagem até *Jauarete* é das mais penosas, porque o *Rio Uaupês* não é outra coisa que um longo colar de cachoeiras, cada qual mais enfurecida.

Lá em cima depois de *Taracuá*, que é a maior aldeia indigena da região, dirigida tambem pela *Missão Salesiana*, além da embocadura do rio *Tiquié*—afluente do *Uaupês*—encontram-se as cachoeiras de *Ipanoré*, *Pinum-Pinum* e *Urubuquára*, que só podem ser franqueadas, varando a carga por terra e passando a canôa, á cabo, no rodamoinho da pancada. Só o varadouro do *Urubuquára* mede para mais de tres quilometros ou mais exactamente 3700 metros e nele os indios

no supremo esforço da luta pela vida, fazem o percurso, conduzindo aos hombros, ou dentro do jamaxí preso á cabeça, a carga, gastando na viagem de ida e volta cerca de quarenta minutos. Em *Ipanoré* e *Urubuquára* encontram-se duas aldeias indigenas de *Tucanos*, bem distribuidas, com casas barreadas e pintadas de cal, uma igreja de vastas dimensões e um esboço de trabalho organizado com roças, criações de galinhas e porcos, etc. Em *Urubuquára* a Comissão foi obrigada a perder dois dias, para o transporte de toda a carga através o varadouro e para a passagem das igarités, canôas e ubás, á custa das espias de piassava, para cima da cachoeira. Felizmente que nas passagens das cachoeiras os indios são mestres eximios e desde que lhes entreguemos os serviços pode-se ficar tranquilo da sua perfeita execução; para os civilizados seria um trabalho de extrema dificuldade, sinão mesmo impossivel, pois os selvagens trabalham um dia inteiro, mergulhados na agua, completamente nús, sem soffrerem o menor acidente de doenças, apesar de se manterem á custa de uma alimentação muito parca.

Depois de franqueada a *Cachoeira de Urubuquára*, a ultima das tres descritas, seguiu-se uma grande extenções de rio mais ou menos calma, cuja agua era só levemente ondeada por pequenas corredeiras. Onde o *Papurí*, que desce do limite do Brasil com a Colombia desemboca, está *Jauaretê-Cachoeira*, tambem um outro ponto de desenvolvimento da região. Cachoeira é um qualificativo muito bem empregado. Neste ponto as povoações—*Posto do Serviço de Proteção Indigena*, *Aduana Colombiana* e *Missão Salesiana*—fazem, bem defronte á embocadura do rio um grande triangulo, cujo centro é uma cachoeira de aguas sempre encrespadas não só pelos rapidos como tambem

pelos fortes ventos que sopram, vindos do sul.

A subida do *Papurí*, passando por *Jandiá-Cachoeira*, *Beijú-Cachoeira*, *Japú-Cachoeira*, *Cachoeira São Miguel*, *Pirá-Mirim-Cachoeira* e muitas outras é das mais acidentadas e só se atingiu *Monfort*, com grande dificuldade. No rio *Papurí* só duas povoações, ambas colombianas e em franco progresso existem:—*Santa Terezita*, na margem esquerda do *Papurí* em *Pirá-Mirim-Cachoeira*, ou melhor *Cachoeira da Sardinha* e tres dias acima—*Monfort*. Prometem ser no futuro grandes centros de onde se irradiará a civilização para esse ponto quasi desconhecido da fronteira brasilio-colombiana. Digamos de passagem, que essa região, como de resto toda a zona fronteira do Norte do país, acha-se completamente em branco nas cartas geograficas mercê do abandono em que a deixam os diversos governos que se sucedem. Só as Comissões de Limites é que têm feito alguma cousa, para encher com nomes tirados dos gentíos, os claros lamentáveis que se encontram nas cartas geograficas. Isto, não se refere sómente ao Brasil, tambem aos países limitrofes, pois tanto eles quantos nós estão tambem na mesma ignorancia, consoante temos tido ocasião de ver em diversas cartas da região. Algumas entretanto apresentam uma serie de nomes mais ou menos complicados, provindo antes da fantasia de seu executor do que de realidade geografica.

De passagem, convem digamos que em *Monfort* por muito tempo trabalhou um padre Brasileiro, o *Padre Raul*, que assim colaborava com grande satisfação, auxiliando aos padres monfortianos, na civilização daquele pedaço do sólo amigo de Colombia.

Em toda essa viagem cheia de peripecias, de dificuldades, onde o relógio nem sempre marcava a hora

para as diversas obrigações e eram antes as condições do serviço e o desenvolvimento da marcha que nos permitiam a regulação dos diversos atos da vida, nos extasiamos fartamente com a orgia da Natureza amazônica. Parece que em conclusão de grande amizade, a fauna, a flora e as águas, se reúnem para o grande festim da natureza. E o homem que penetra para lhes assistir a festa é nisso dificultado pela união estreita que existe entre elas. Não só o entrelaçado dos cipós nas margens dos rios, com a oirana traçoera e os acapús elevados no meio das acaricoáras endurecidas, nos abalam o animo e perturbam a marcha, como ainda e isto mais dos que a flórea, o rio no seu catadupear incessante, gritando atterradoramente no silencio da selva, se debatendo sob as frageis embarcações atopetadas de utensilios de astronomia e topografia, de material de saúde e de rancho, como que negando a estrada para a nossa viagem. Ingratamente o faziam, porque bem antes de nós, os seringueiros já haviam penetrado no *Rio Negro* á custa do rifle e das caçadas do gentío. Nós, não, iamos com calma, com os melhores propositos de amizade enquanto que muitos dos nossos predecessores foram propositadamente de valentona indole, conquistando com sangue o sangue da hevea e marcando com as goticulas de sangue a estrada ensombrada e densa do seringal. Mas que fazer? Pelo culpado paga o inocente. E' a lei do mundo...

De dia, o belo quadro da selva era salpicado pelos raios dourados do sol quasi sempre; outras vezes, ao contrario, o cinzento de uma tarde plumbea se adensava no horizonte e a chuva vinha caminhando de léste para oéste, em sua marcha triumphal de elemento vencedor... Não raro, tambem o aguaceiro tor-

rencial caía, despenhava-se do alto e durante um, dois, ou mais dias nos retinha no acampamento, reclusos às barracas, remoendo um odio interno contra a natureza que se elevava contra nós, audaciosamente...

De dia a mata é silenciosa, contrastando sobremaneira com o barulho dos homens no trabalho, gesticulando, gritando, ordenando e repreendendo. À noite o vozerío, da selva se eleva, os animais asso-biam, cantam e de quando em quando o ronco hor-rível de alguma fêra faminta, que vagueia pelo emara-nhado arvoredado em busca de incauta presa para sa-ciar a sua fome, nos afunda num misto de terror e de respeito, de admiração e de odio. Outras vezes é o pisar pesado de algum animal de maior porte—a anta—que vae em caminho do barreiro se desenden-tar. E na densa escuridão da mata os olhos dos ani-mais ferozes, campeiam como lanternas macabras es-palhando a morte. Também, porém nas noites claras, do céu estrelado, em que a Via Latea do poeta cinti-la no alto do firmamento, em que Sirius como um diamante de grandeza colossal, engastado no veludo azul da abóboda, desperta a cobiça dos joalheiros, fi-ca-se quieto, contricto, por alguns instantes, ouvindo o marulhar das aguas; tem-se a impressão de que elas, no seu murmurar plangente, cantam a saudade, cantam o amor, cantam a vida, cantam sobretudo a selvaticueza da terra do Pindorama!

Certa vez dizia-me um amigo que o murmurar perene da cachoeira lhe parecia maviosos acóordes de harpa tangida por mãos de sabia ou divina musicis-ta. Quando eu ouço a corredeira, chorar, murmurar, falar baixinho, dizer á medo qualquer cousa, tenho antes a figuração de que é uma prece muito longa e

muito doce, de algum apaixonado, cantada quasi em segredo aos ouvidos da sua eleita...

E' o eterno fascinio da natureza do Amazonas que faz com que todos os viajantes da planicie sáiam enamorados da sua beleza rude!

Entre as comodidades de um automovel de estofos riquissimos e o banco duro de um motogodile á velocidade por de sobre o escrespado das aguas, o nosso amor é bem maior por este ultimo, ainda que o primeiro nos ofereça maior conforto. E' que o homem civilizado admira mais a bravura com que o indio singra o rio na sua misera ubá, constituída de um páu aberto a fogo, unica riqueza que possúe, do que o «fumoir» de um transatlantico, que em nove dias vai do Pará á Europa. Nem só comodidades prendem o homem; a beleza do Amazonas, mesmo na aggressividaae com que a sua selva parece receber o intruso, enlaça-nos e nos seus adoraveis e terri-veis abraços, sentimos a volupia do barbaro, a admiração da inocencia e o gozo da dôr!

III

O homem. A energia do selvagem. Sua altivez. O valor na luta que mantem com o meio e com os homens. Diogenes e a lâmpada do incola. Miguel Marcelino, um tuxáua adiantado. A eletricidade e o páu candeia.

O homem da região é o indio. Ele é o dono da terra. Nós somos o intruso que lhe vem roubar o seu país, tirar-lhe a roça, conquistar-lhe a mansão onde vive com sua familia, cultuando as lendas dos antepassados, ruminando os seus ritos religiosos, numa concentração tão grande, quanto os catolicos ou budistas dispensam ás suas religiões. Pertencentes ás mais diversas familias, consoante pretendemos es-

quematizar mais detalhadamente em um trabalho futuro de maior folego, ele vive isolado dos seus próprios patricios, mantendo porém commercio constante com eles. O indio é sobretudo orgulhoso, e na côr bronzeada da péle, onde o sol muitas vezes causticou ele tem que o seu enrijamento é antes o enrijamento proprio da alma do forte, do que simples prova de cultura fisica. Emquanto os moços de hoje vivem nos estadios na conquista artificial de belas formas, por meio dos desportos atleticos, o indio brasileiro, na luta contra tudo e contra todos, desafiando o tempo, arrostando perigos, atirando-se ás fêras e aos inimigos com a mesma facilidade com que se atira á caça, tem as formas esculturais dignas somente dele. Talvez esses artistas que por aí, mundo além, vão em busca de motivos para a sua arte, nos escombros da Grecia, ou na derrocada de Roma, encontrassem maior mêsse nos proprios motivos indigenas, filhos da mesma terra que nós habitamos.

Na sobranceria do olhar incola, vê-se o espelho de uma raça que ainda mesmo aviltada por seculos de perseguição, por todos os que entram no interior da luxuriante floresta, guarda o amor a si mesma e a confiança absoluta de que a sua independencia é permanente e de que ela é extremamente superior ás necessidades dos civilizados. Nunca a sua cerviz se dobra ao peso da infamia, nunca a sua boca se abre para a calunia e os seus braços, a sua energia, a sua força, o seu amor, a sua dedicação, a sua habilidade, e seu artificio são empregados somente para auxiliar aos outros e não raro, áquelles mesmos que os sacrificam nos instantes de incontida cobiça.

Sei de um indio que depois de haver trabalhado muitos anos para um patrão, estrangeiro, fez um

dia qualquer coisa que desgostou o senhor. O patrão ameaçou castiga-lo de chicote. Num requinte de obediencia e de passividade o pobre aborigena, foi buscar o azorrague de couro de anta, que pendia de uma das paredes do barracão, entregou-o para que o castigassem. Impiedosamente o patrão marcou-lhe sobre o corpo de homem livre, com lanhos de sangue e lagrimas, o numero de vergastadas necessarias á satisfação de sua furia malvada. No outro dia, procuraram o selvagem e não o encontraram. Ninguém ligou, porque o indio não é batizado e assim sendo, muitos o consideram « infiele » e portanto indigno de ter até familia. Tres dias mais tarde acharam-no morto, entre um barranco e uma pedra, com urubús volteando em torno ao seu corpo sémi-putrefacto. Ao lado encontraram algumas folhas, que os outros disseram venenosas. Provavelmente, o senhor das *terras*, o homem que sempre dominou o mato bravio, que cruzou os sertões em todas as direcções sem encontrar serra ou rio que impedisse a sua marcha destemerosa, sentiu-se tão ofendido que, numa explosão de amor proprio, não podendo agir contra os seus algozes, não querendo tomar um desforço ativo, preferiu sacrificar a sua propria existencia a sofrer a humilhação de ostentar o lanho do chicote . . . Como esses muitos outros casos poderia contar. Já *Alipio Bandeira*, com a pena brilhante de um escritor despreocupado das galerias, estigmatizou as dôres que sofrem os nossos indios e por eles tem elevado a voz prestigiosa mais de uma vez, a clamar protecção, amor e sobretudo comiseracão.

Mas não é só o indio que vive na região. Ha civilizados tambem, quasi todos brancos. Só em *São Gabriel* se encontram alguns pretos. Mas os brancos não vão para povoar, nem para civilizar o sertão, vão

sorvente para explorar o pobre índio. E por um ano de trabalho intenso, no meio do balatal tetríco, dão-lhe em pagamento uma calça e uma camisa, cobrando-lhe ainda por uma agulha com um pedaço de linha, a bagatela de mil reis, conforme vi da escrituração de um aviador. Outro patrão cujo nome, tenho vontade de citar, mas que não o faço para que o pobre índio não venha a sofrer a consequência do meu odio, por esse patrão, deu por dois anos de trabalho, no córte da balata, um gramofone, ordinario velho, com quatro agulhas enferrujadas e uma chapa. O selvicola levou o instrumento para casa tocou, tocou, tocou e depois, foi ao *Rev. Padre Marchési* pedindo-lhe para devolver ao patrão o gramofone com a chapa e agulhas e em troca receber uma calça ou um pouquinho de comida...

O branco pensa que o índio foi feito exclusivamente para ser seu escravo e assim não é de admirar que de quando em vez façam ainda, em pleno resplendor do século XX, século da eletricidade, do radio, dos estudos científicos superiores, *investidas* ou *sortidas* como lhes chamam, ao interior da selva, para peiar os índios e traze-los amarrados de pés e mãos ao cativeiro e ao trabalho de sol á lua. O índio não precisa do civilizado para cousa alguma e ás vezes somos levados a pensar que a sua civilização será o seu maior mal. Uma civilização que lhe custa o sangue, como custou a civilização do Mexico, do Perú, do Brasil, seria melhor até não existir. Basta ver que das aguas o selvicola tira o peixe, da mandioca o beijú e a farinha com que manipula o seu piracuí, nas matas colhe o abíó, a popunha, o tarumã, a banana, a graviola e outros frutos e mesmo até, da entrecasca do tururí retira o pano com que resumidamente

sobre o corpo. O civilizado que o vae fazer esquecer essas habilidades, ensinando-o a usar a espingarda e as calças, não faz mais do que tornal-o escravo, porque de futuro, não poderá o selvagem produzir estas cousas necessarias á sua vida e fatalmente terá de se empregar a preço vil para obte-las. Parece um paradoxo das civilizações, o grande círculo vicioso, dentro do qual, ha milenios se debate toda a humanidade, numa ansia insopitada de melhoria de situação e cada vez, peiorando de mais e mais...

Numa das *Missões Salesianas* fizeram-me o relatório de uma india que se enfristeceu e sofreu quando regressou á malóca. Existia no collegio, internada, uma india inteligente, que já tinha aprendido a ler e escrever e á qual a Irmã bondosamente estava ensinando noções de musica e de francez, Calculem, uma india falando francez, que portento! No fim de algum tempo o pai da menina vendo-a moça, na idade de casar, preparou e combinou o casamento e depois foi busc-la. Os padres contra-gosto, não tiveram outro remedio sinão entregarem a menina. Alguns dias mais tarde se realizava o casamento, com um indio de outra tribu mais atrasada, com toda a grosseria das festas selvagens, no meio de uma orgia pagã. Ao saber do fáto a Irmã chorou sentidamente, vendo tão mal empregados o seu esforço e o seu carinho. Passaram-se os tempos e certa manhã appareceu, de vestido rôto, suja, acabrunhada, batendo ás portas da Missão Salesiana a pobre indiazinha. Vinha pedir guarida porque, dizia, não podia mais suportar a rusticidade daquela vida selvagem, sem ceremonias, sem conforto, mais animal do que humana.

E como estes muitos outros casos se succedem de continuo. O indio adquire a civilização a poder de

um sacrifício inaudito e depois que se acha assenhoreado dela, se recusa a voltar para o meio de onde veio, não porque abjure a vida de seus parentes, mas porque a vida antiga, já lhe não póde convir, visto se haver deshabitado dela, sem entretanto haver adquirido os meios de viver existencia a do civilisado.

Outrora na idade em que a Humanidade reflorescia pelos lampejos da intelligencia de certos de seus homens, Diogenes andava procurando um homem. Hoje quando chegamos a qualquer barranco do *Rio Negro*, do *Uaupês*, do *Papuri* e talvez de todos os outros rios do Amazonas, pela noitinha, vêm-nos receber os indios, com o fogo ainda na ponta de um pau—o *pau candeia*—afim de iluminar a estrada por onde subirá o viajante e ao mesmo tempo o rosto deste. Eles não procuram um homem, porém querem saber qual é o homem que chega porque ha muito pagam um pesado tributo á esta civilização. O tuxáua *Miguel Marcelino* é um dos tuxáuas mais inteligentes e mais espertos que encontramos na nossa peregrinação. Quando a Comissão passou por *Urubuquára* dominios do tuxáua *Miguel Marcelino*, levava um motor de iluminação electrica, destinado a carregar as baterias de radio. Preparamos o motor e de noite, ligamo-lo afim de iluminar o acampamento. *Miguel Marcelino* ficou encantado com a luz. A principio julgou que queimasse, mas depois verificou que não, que era uma luz na qual não poderia acender o seu *pitima*. *Pitima* é cigarro de indio.

Admirou, olhou, rodou em torno do motor da luz e depois não se conteve. Veiu ao major *Polydoro*, que era o Chefe da Turma e pediu que o presentearse com o motor pois ele queria assim iluminar a sua pobre malóca.

—Mas Miguel você não sabe trabalhar com gasolina, e o motor pode se quebrar.

—Não, «seu» major, o Sr. me dá o motor. Quando ele quebrar eu desarmo e armo outra vez; quando eu não tiver gasolina ponho água do rio que deve fazer o mesmo efeito . . .

Talvez ele tivesse boa intenção, mas o fato é que o chefe da Turma não o presenteou com o nosso *Homelite*.

Do orgulho e da altivez da raça indígena provam bem muitos outros fatos entre os quais o seguinte é flagrante. Eu havia pedido ao tuxáua *Tandem* — de *Jauaretê*, em português *Leopoldino*, que me conseguisse um *Juruparí*, que eu lhe pagaria bom preço. O *Juruparí*—boca torta—diabo, é o instrumento religioso, pelo qual o selvagem tem verdadeiro respeito e pavor. Só pode ser utilizado nas festas em segredo; os estranhos aos usos da tribo e os índios de outras tribus não o podem ver. Também às mulheres é vedado o conhecimento visual do *Juruparí*, só lhe podendo ouvir o grito horrendo nas festas religiosas, no meio da mata—do *dabucurí*. *Tandem* prometeu, me trazer o *Juruparí*, mas eu fiquei desconfiado de que não cumprisse a promessa. Decorreram alguns dias, quando chamei o tuxáua e lhe perguntei: «Então você não me arranja o *Juruparí*?». O índio fechou o rosto, na sua testa apareceu uma ruga, o enfado se lhe pintou na fisionomia e ele me respondeu: «Eu já disse para o seu «dotôro» que arranjava um *Juruparí*, eu arranjo. Caboclo não mente p'ra branco». Daí por diante *Tandem* não me visitou mais, não veio mais à minha barraca, onde anteriormente era conviva frequente, até que, certa manhã, cauteloso, todo cheio de medidas entra-me pela porta a dentro, conduzindo um enorme

embrulho de lona, com um ritual muito respeitoso, num silencio quasi liturgico. Pergunto-lhe o que é e o indio me responde que era o *Juruparí* que me havia prometido. «Está aí seu «dotôro», o Sr. pediu o *Juruparí* e eu o trouxe. Caboclo não mente p'ra branco». Era uma lição de confiança que o selvagem me dava e que eu fingi não compreender para não mais aborrece-lo. Havia me prometido o objeto de sua relegião e certamente fazendo uma luta titanica contra seus proprio sentimentos e principios, trabalhando contra a sua crença, num grande esforço, cumpriu a palavra empenhada. O que nem sempre os brancos fazem...

O indio além da altivez e sobranceira tem outras qualidades. Por nenhuma cousa ele deixará de executar o que foi estabelecido. E' escravo de suas matutações com os amigos e só quem viaja como eu viajei pelos sertões amazonicos é que pode entender como esta gente tem qualidades apreciaveis, dignas de serem recebidas pelos civilizados. Paciencia, constancia, fidelidade, altivez, honestidade, docilidade e sobretudo cautela são qualidades admiraveis do incola.

Até a graça o indio tem. Gosta de fazer espirito e tem geito para tal. Numa aldeia de indios tucanos, encontrei um velhinho, de barbicha, calvo completamente, muito pequeno parecendo antes um anão. Perguntei-lhe de que tribu era e ele não me respondeu. Então eu lhe disse: «Você é *tucano*?». Ao que ele respondeu: «*Tucano* não, eu sou *araçari*». *Araçari* é um tucano muito pequeno, que não cresce mais do que um pinto. A outro indio a quem perguntei de que nação era, respondeu-me que brasileiro. Ele tinha entendido a minha pergunta, mas achou mais interessante dizer-me ser meu patricio do que indio de alguma tribu do interior.

A prova da cautela do indio deu-me certo dia o meu intérprete. Eu descia de canôa rio abaixo, com destino *Jauaretê*. Trazia comigo o indio Paulino. Paulino é um selvagem civilizado e poliglota, falando: *tucano, geral, deçano, piratapuio, uanana, tariano, portuguez*, e conhecendo ainda tinturas de *castelhano*. Servia-me o Paulino para tudo; para conversar com os outros indios, para ensinar usos e costumes de sua gente e dos seus amigos, para ensinar as linguas selvagens e me permitir a coleção de lendas e narrativas, e também para guiar a minha canôa nos deslocamentos do Serviço de Saúde. A nossa embarcação deveria descer pelo rio Papurí, um perigoso salto da cachoeira de *Uaracapá*, que fica a montante da extremidade superior do varadouro de *Jauaretê-Cachoeira*. O indio percebeu que eu desejava descer o salto dentro da canôa; calmamente encostou-a á boca do varadouro e me disse:

—«Seu» doutor salta e vai pelo varadouro; eu lhe dou um caboclo para o acompanhar. Nós vamos pelo rio e apanharemos o Dr. lá em baixo.

—Não Paulino, eu quero descer a cachoeira, pois preciso tirar umas fotografias.

—E', mas a cachoeira é muito perigosa; a canôa pode virar e nós não teremos tempo de salvar o senhor. Depois o Snr. morre e vai dizer que nós o abandonamos. Não seu «dotôro», salta!

—Não, eu vou—insistí.

—O seu «dotôro» não vai, é melhor saltar, porque assim nós perdemos mais tempo e não chegaremos hoje a *Jauaretê*.

Que fazer? Saltar?! Foi o que eu fiz. Ele conhecia a região melhor do que eu e estava conscio de sua responsabilidade; eu não poderia perturbar o seu

serviço, e assim não tive outro remedio sinão vir mesmo a pé pelo varadouro, com um guia que o *Paulino* me deu, enquanto ele descia a cachoeira pela calha do rio, tomando conta dos meus objetos que lá ficaram dentro da embarcação.

Alguns viajantes, ao regressarem de suas caminhadas pelo interior do imenso cenario amazonico, veem com a alma cheia de odio ao pobre aborigena e então taxam-no de tudo quanto é epíteto pejorativo. *Darwin*, numa horripilante calunia e foi talvez o primeiro sabio que maltratou o dono dessa terra. Depois dele parece que a sina do indio é ser diminuido e menos-prezado. Mas isso provem antes do despeito e da desconsideração que o branco tributa ao selvagem, que em sua pobreza e humildade, tem o mesmo direito de ser respeitado quanto nós outros. O branco é que vai á casa do indio, rouba-lhe a mulher, rouba-lhe as filhas, tira-lhe tudo quanto possúe, escravisa-o e depois ainda quer que o selvagem, calando dentro do peito as maguas da desgraça e da iniquidade da sorte, seja seu amigo. Conosco sempre foram amigos e a prova da grandeza dos sentimentos do incola é que a planicie, de ha seculos vem sendo cortada pelas caravanas dos perscrutadores e dos exploradores, uns pagos pelas verbas faustosas de explorações comerciais dissimuladas em institutos cientificos, outros realmente á custa desses institutos de ciencia e raros são os que ficam aqui enterrados, massacrados pela sanha do indio.

IV

Distribuição das tribus indígenas na região percorrida. Hierarquia social entre os proprios indios. Os nobres e os párias. Até entre os indios, como entre os gregos, indus, egipcios e adiantados povos do Oriente, existem classes sociais. Como explicar o fato.

As tribus indígenas que se encontram na região do *Rio Negro*, *Uaupês* e *Papurí* são as mais diferentes em origem e costumes. Poder-se-ia talvez enfeixa-las em alguns grupos. Isso porém é obra tão importante que não cabe numa conferencia ligeira. Têm as denominações mais diferentes, quasi sempre tomadas de animais--*Arapaços*, *Micuratapuias*, *Tucanos*, *Piratapuios*, etc. Outros tem nomes proprios cuja identificação não nos foi possivel obter, como os *Tarianos*, *Deçanos*, *Uananos*, *Carapanãs*, etc. Ha uma classe de indios os *Macús*, que sempre vivem afastados dos demais, e que parece ser a classe dos deserdados da sorte.

Os *Tucanos* são os nobres da região, tem pretensão a descenderem diretamente do deus. Os outros são troncos secundarios, emigrados ou por consequencia de guerras anteriores, ou por consequencia de razões economicas.

Muitos homens têm estudado detalhadamente os indios da região como *Barbosa Rodrigues*, *Ehrenreich*, *Schmidt*, etc. Não pretendemos por isso estabelecer agora polemica com esses sabios.

Os indios *Tucanos*, pela sua situação de indios superiores, colocam-se quasi sempre na boca dos igarapés ou rios principais. Têm direito sobre as outras tribus mais inferiores e então sobre os *Macús* esses direitos culminam até á escravidão. Estabelecem entre si gradações, como o fizeram os povos mais diversos desde as epocas mais remotas. Os gregos eram superiores aos romanos. Os romanos eram superiores aos

godos e anglo-saxões. E ainda hodiernamente no Oriente, temos que os chinezes, consideram-se melhor do que os mandchús e os japonezes superiores aos chinezes. Talvez isso possa ser consequencia dos diversos estados de civilização. Entre os índios entretanto não parece, porque a impressão que tivemos é que só os *Uananas*, *Deçanos* e *Macús* são mais atrasados, emquanto que as outras tribus se nos antolharam no mesmo nível social.

Os *Tarianos*, que trabalham muito bem em enfeites de penas, confeccionam maquiras de tucum, fios de tucum, têm roça, vivem um pouco mais afastados dos que os *Tucanos*, acima das tribus *Tucanas*, nas margens dos rios maiores. Dizem descender diretamente da sangue de *Capiriculí* e não admitem muita amizade com os *Tucanos*, porque culpam-nos de lhes quererem tirar a hegemonia. Os outros *Carapanãs*, *Piratapuios*, *Deçanos*, *Uananos*, *Micura-Tapuios*, *Cubéuas*, *Baniuas*, são classes secundarias, que provieram dos troncos mais afastados da complexa arvore genealogica indigena, e por isso são tratados até com um certo desprezo.

Os *Macús* que são os mais afastados na cultura, sabem fazer esteiras, cestos e vivem sempre amedrontados com os outros índios. Estes de vez em quando fazem incursões na floresta, nas cabeceiras dos igarapés onde se encontram os *Macús*, prendem-nos e trazem-nos amarrados, afim de trabalharem dias ou mezes, nas suas roças. Depois de realizado o serviço mandam-nos embóra sem a menor remuneração, quando não dão ainda uma formidavel surra. Os *Macús* que são em grande numero conformam-se perfeitamente com esta situação e parecem estar compenetrados da sua condição de escravos. São como os párias da *India*

moderna. São tão compenetrados da função de escravos que nem constróem malócas e não possuem nada de seu. Armam a rêde, quando as têm, entre duas arvores cujos galhos puxam para cobri-los, muito mal, á noite. Comtudo são uma raça fôrte, sadia, e talvez si não estivessem tão abastardados pelo evoluer dos tempos, constituíssem uma nação de indios valentes.

Dentro da mesma tribu ha diversas gradações de classes o que vem provar que o desnivel das sociedades é fenomeno natural. E' a maior prova contra os que pretendem pelas reformas sociais conseguir um termo que nivêle todos os homens.

O *tuxáua* é senhor da nação, quasi sempre recebendo o titulo por herança, mas depois de demonstrações publicas da faculdade de mando. Antes de ser reconhecido *tuxáua* de uia nação ele tem que fazer exhibições em guerras, em caças, em ordens para mostrar que o seu merito é verdadeiro e não ficticio. Só assim após provas complicadas e extremamente bizarras é que ele passará a ser obedecido. Tambem as suas ordens são cumpridas de uma maneira tão rigida que não ha como trastejar. O *tuxáua* ordena, cumpre-se; só ha um homem a quem o *tuxáua* obedece: é o *pagé*.

O *pagé* é um semi-deus. Encarnação perfeita da suprema sabedoria os seus oraculos dizem tudo o quanto verdadeiramente poderá succeder a qualquer individuo. Basta muitas vezes a sua palavra para decretar uma guerra ou a morte de qualquer inimigo. Sempre consultados nos momentos de crise interna na tribus e nas questões intimas da familia.

Depois, existem os pescadores, os caçadores, os que fazem cestos e finalmente as mulheres que são destinadas ao trabalho.

V

Costumes indígenas. Idumentaria aborigena. Coqueterie selvagem.
Amor ao belo.
Concepção indígena da arte.

No nosso convívio com as diversas tribus anteriormente relatadas, chegamos a aprender alguns hábitos dessa gente. A vida do selvagem outróra se resumia nas festas e nas guerras. A guerra mesmo era antes uma grande festa onde os preparativos das armas constituía uma especie de aperitivo para a carnificina outro dia. Hoje com a penetração da civilização as guerras diminuíram. Só guerreia principalmente, contra os brancos, quando têm de revidar alguma ofensa de balateiros, que os vão ofender em suas propriedades. Hoje é a sua roça, num trabalho resumido ao extremamente preciso e nas festas, escasseiastes dia a dia, por influencia da religião, que os indios limitam a sua vida. A plantação da mandioca, da banana, a pesca e caça, dão lhe a alimentação precisa. O tempo que lhes sobra eles empregam nos preparativos das grandes festas, verdadeira bacanaís pagãs.

A caça outróra feita com o arco, a zarabatana, o tacape, a maça e as armadilhas; hoje infelizmente a civilização colocou nas mãos do indio a espingarda de modo que alguns sabem servir-se tão bem delas quanto os brancos. Mas ha entretanto um grande numero de servícolas que usam as proprias armas, principalmente as zarabatanas com pequenas flexas hervadas, que impulsionadas pelo sopro atingem á grande altura e alcançam o alvo numa admiravel precisão de balística incola. Outros, a quem se apresenta uma zarabatana, quasi que perguntam para que serve tal instrumento, tão desabituaídos estão do seu uso.

Depois da caça a pesca, feita nos igarapés, com o *matapi* ou nos recantos das cachoeiras, onde eles armam o *cacurí*, ou mesmos nos pequenos rios pelo envenenamento com o *timbó* ou *tingui*, ou *barbasco*, fornece-lhes também ótimo sustento. O *cacurí* que existe em *São Gabriel* durante tres dias alimentou copiosamente, de peixe, às Comissões e dos melhores—*surubins*, *pacús*, *maparás*, *tambaquís*, *tucunarés*, e muitos outros. O *faicheamento*, a *fisga*, a *tarrafa* são ainda utilizados hoje em dia.

Na luta contra os animais pagam pesado imposto as aves, mórmente as de plumagem linda, como o *japú*, a *arara*, o *galo da serra*, o *papagaio* e as *garças*. As penas são aproveitadas carinhosamente e depois de um trabalho caprichoso, com elas confeccionam os selvagens todos os utensilios para a satisfação da sua vaidade e para as suas festas. São *acangatáras*, como verdadeiros resplendores, colocadas sobre a cabeça dando ao indio um aspecto de Rei ou Deus. São os *cocáres* maravilhosos de penas multicores, numa orgia de tons e numa sinfonia de côres, são os *uaiapás*, as *tangas* de penas e de missangas, os enfeites dos *murucús*, dos *ubatis-parcarós*, e muitos outros objetos que nos encham a vista de verdadeira admiração pelo combinado das nuances e pela demonstração da sensibilidade estética. Entre os civilizados as mulheres se enfeitam mais do que os homens seguindo o velho brocardo: «quem não se enfeita por si engeita», mas entre os indios, os homens, são sempre bem mais faceiros do que as mulheres. Estas pintam somente o corpo com tintas diversas e sobre os órgãos colocam uma minúscula tanga feita de missangas ou de tucum trançado, longinquo projéto de vestido de baile. Na moda moderna, o

decote descê até a cintura, entre os índios não ha complicação do decote nem do vestido curto; um decimetro quadrado de pano, trabalhado e desenhado á missanga, basta suficientemente para acobertar qualquer india dos olhares indiscretos dos demais. Sejam os entretanto justos, nem todas as indias são assim. Pode-se mesmo dizer que só um pequeno numero e mesmo só aquelas que vivem afastadas das margens dos rios, no interior dos igarapés. As outras, que vivem proximas ás povoações onde ha civilizados já usam sáias, quasi sempre muito sujas, em que a côr primitiva da fazenda desapareceu por completo e cujo pano se tornou impermiavel pelo uso quotidiano.

As mulheres gostam mais do trabalho. A maior honra para uma india é trabalhar para o marido que ela considera senhor absoluto. O seu maior pesar é quando o marido indo fazer qualquer viagem não deixa que ela lhe carregue a maquira. Sente-se humilhada, pois julga que o marido não mais a quer. O homem é feito para a guarda, e para a caça, enquanto a mulher é quem trabalha na roça, tece o pano, cuida das crianças e cuida até do fogo no interior da malóca. Alta noite, quando o marido dorme tranquilamente, ela se levanta tres ou quatro vezes, para chegar ao brazeiro, colocado em baixo da rêde ou no centro da ôca, um pedacinho de lenha e não permitir que o fogo se extinga. Uma lenda tariana muito linda relata as atribuições da mulher e do homem, de acôrdo com as determinações divinas. Por isso os enfeites das mulheres são mais simples. Mesmo nas dansas em que elas têm de tomar parte, devem trabalhar na distribuição do caxiri e no trato das crianças. O ornamento principal das mulheres é pintura: o *carajurú*, o urucum, o talco e outras substancias como o carvão, misturados com

certos ingredientes, com a *tipiaca* que é a goma extraída da mandioca brava, distribuídos, no rosto, no torax, nas pernas, em desenhos caprichosos, constituem ornamentos interessantíssimos. As nossas misses não têm nada de invejar, nos seus adornos de civilizadas, junto a uma dessas índias, de pele morena, corpo caprichosamente torneado, olhar negligente, em que as faces são cobertas pelo vermelho *carajurú* e a boca sanguínea marcada pela rubra tintura do *urucum*. Também, lá quanto aqui entre as nossas queridas patricias a vaidade e a coqueterie tornam-se as virtudes primordiais ou antes o mais adoráveis vícios. O maior prazer de uma índia é ser chamada de *poranga* ou *anhunpuninga*, que ambas as palavras querem dizer bonita, em *tucano* e *nheengutú*.

Quem chegar e dissér a uma índia, *poranga*, tem dela todas as gentilezas e todos os carinhos que só a arte das filhas de Eva sabe prodigalizar. Excusado é dizer que eu abusava escandalosamente das palavras *poranga* e *anhunpuninga* e como consequencia a minha barraca estava sempre repleta de *porangas* e *anhunpuningas*, que passavam todo o dia conversando comigo, impedindo-me de trabalhar, mas ao mesmo tempo me deleitando com a sua meia lingua índia, da qual só ligeiros vocabulos eu compreendia. Bastava-me a certeza de que diziam cousas agradáveis para eu me sentir satisfeito.

VI

O animismo selvagem. A explicação dos diversos phenomenos pelas lendas. Também conhecem paraboras?

O indio, digamos por uma frázé por demais batida, explica todos os fatos de sua vida por meio das lendas. Nada na Natureza ele deixa sem explicação.

Para a nossa intelligencia de homens civilizados as explicações incolas parecem-nos cousas absurdas, entretanto têm sempre um fundo intelligente e mostram bem a habilidade que elles empregam para se tornarem senhores dos diversos fatos e fenómenos da vida. Cousas que se nos parecem inexplicaveis para o indio, elles sempre conseguem um meio qualquer de torna-las claras e darem-se por conhecedores dos misterios. A vivacidade da intelligencia indigena é o que se poderia dizer a de uma intelligencia rude. Não têm, a faculdade de comprehender bem aquilo que nós os civilizados lhes levamos de mais complexo, todavia o que elles fazem demonstra uma intelligencia sempre em elaboração, num aprimoramento extraordinario. Desde as suas *tangas*, as *rêdes de tucum*, os *panos*, os *tipitís* de exprimer mandioca, o material de uso, *vasos de barro camutís*, *cestas*, *peneiras*, *jamaxís*, *panacús*, até os menores gestos, a sua dissimulação pelo interior da floresta, demonstram e provam claramente uma intelligencia e uma habilidade muito grande. Um selvagem pôde seguir um viajante pela mata a dentro, dias e dias, fazer o seu pouso proximo ao nosso acampamento, sem que nós o percebamos. Andam na floresta, senhores que são dela, com mais facilidade do que nós andamos pela cidade e seu espirito apreende com grande rapidez, as cousas que conversamos sejam elas de troça ou elogio, de menoscabo ou gentileza.

Certa vez ví um indio que não falava uma palavra de portuguez: fôra em visita aos padres da Missão Salesiana e levava em sua companhia a mulher. Ela era adoravelmente bela, com ademanes elegantes, parecendo mais uma senhora de sociedade. Um dos nossos companheiros observou isto e me comunicou. O indio que só fala *darsee* ou *tucano*, lingua para nós difficilima,

percebeu o elogio que estávamos fazendo á sua cara metade e, num requinte de conservação daquilo que lhe pertencia, na explosão de odio de um Othelo selvagem, tomou a mulher pelo braço, atirando-nos uma mirada de aborrecimento e saindo para mais alguns passos além, afim de afasta-la do nosso olhar indiscreto de dissecadores do belo. Muitos não falam nada de português e compreendem tudo, outros sabem falar, mas não falam porque receiam que errando façamos chiste dos seus pequenos conhecimentos linguisticos. Vaidades!

Acampámos um dia junto á malóca de indios *Deçanos*. A malóca é uma casa colossal com mais quarenta metros de lado, em cujo interior móra uma tribu inteira. Em geral são parentes; outras vezes são simples conhecidos que se congregam numa vivenda comum. Durante a noite ouvimos uma interminavel palestra monotona, parecendo-nos que certos vocabulos se repetiam muitas vezes. Chamei o meu interprete—o Paulino—e perguntei-lhe o que conversavam os seus parentes ele me respondeu que os indios explicavam porque a anta não tem o beijo inferior.

Diziam que um dia a anta brigou com o jabotí por um questão lá na terra dos animais e sem maior importancia para nós. O jabotí atirou-se á anta e agarrou-se-lhe ao beijo inferior, com todas as forças possiveis. Em vão a anta pediu que o jabotí a abandonasse, que ela, anta seria para o resto da vida amiga fiel e sincera dele. Mas o jabotí impassivel e implacavel, quanto mais a anta, gritava tanto mais mordida e se agarrava ao beijo do animal. Depois de algum tempo de luta, a anta vendo que o jabotí não a abandonava, puxou de uma *quicê* muito grande (faca) e cortou o seu proprio beijo para assim se ver livre

do inimigo. Imediatamente o jabotí caiu ao chão e a anta rapida pulou em cima dele, pisando de modo a enterrá-lo na lama, que existia no local. Mas o jabotí é animal sabido. Depois de caminhar algum tempo por baixo da terra, apareceu lá adiante e soltou uma gostosa gargalhada:

—Quá... quá... quá...

Daí para cá ficaram inimigos irreconciliaveis, mas a anta perdeu o seu formoso beijo inferior, ficando o superior mais comprido, com a apparencia de uma tromba.

Por outras lendas o indio explica como nasceu o sol, como se fizeram a noite e as estrelas, como se constituíram as diversas nações indigenas, como vieram á terra os homens e os animais, a luta entre os animais, a experiencia da vida, o segredo dos venenos e filtros de felicidade que, com o maior carinho e a maior veneração são transmitidas de geração em geração, pela tradição verbal. Os ritos religiosos conservados desde as épocas mais recuadas da civilização são repetidos com um cuidado meticoloso. A vida dos deuses selvagens, com os vicios e virtudes proprios dos deuses barbaros, onde se relatam os grandes feitos da humanidade circunscrita á nação indigena é repetida religiosamente pelos mais velhos da tribu aos seus filhos e assim se conserva quasi imutavel como em posição hieratica se conservavam no Egito as mumias, por gerações sem fim...

Esses deuses variam de uma para outra nação, si bem que ás vezes se encontrem os mesmos deuses em nações diferentes ou a mesma lenda conhecida por muitos indios. Nesse caso pôde-se admitir ou que elas tenham sido transmitidas logo na origem da cisão das tribus, si a concepção fôr de uma nuica

fonte indigena, ou que elas tenham sido admitidas, em virtude do comercio e convívio mantidos pelos diversos grupos selvícolas...

Algumas lendas têm o sabor da fantasia, tão artisticas e aprimoradas são, que ficamos profundamente admirados da sua perfeição e chegamos, algumas vezes, a duvidar si elas serão ou não arquitetadas pelos indigenas ou si serão forjadas por cerebros civilizados e depois espalhadas entre o gentio. Cada lenda determina uma cousa, cada historia repete um acidente e as muitas ceremonias do indio não são mais do que a reprodução figurada da narrativa referente ao ato. O proprio veneno de que eles se servem, para a caça e para as lutas de guerra — o *curare* ou *uirarí* — só pode ser colhido e elaborado por quem conheça sem discrepancia o ritual e mantenha inesquecidos os diversos gestos a serem praticados no ato de prepara-lo, cosinhando-o, requeimando-o, condensando-o, empregando palavras magicas, para que as divindades tornem-no utilizavel. Por isso, só certos homens nas tribus, sabem confeccionar o *curare* e mesmo não são todas as tribus que o conhecem. Entre as que percorremos, só os *Banúas* é que se encarregam de produzir o *curare* e depois vende-lo ás demais.

VII

Ceremonias e atos liturgicos. A festa da puberdade. O casamento é um roubo oficializado. O prestigio tecnico do pagé.

As diversas festas indigenas, que assistimos, têm um cunho de originalidade extrema e despertam-nos a mesma curiosidade que, sem duvida, as nossas lhes despertariam. Assim as festas do *caxirí*, do *dabucurí*, da *puberdade*, do *casamento*, da *sagração do pagé*,

da *acangatar*, da *onça*, do *Juruparí*, complicadas, extensas, cheias de um misticismo que é preciso ser bem compreendido para se tornar apreciado, são praticadas algumas vezes no ano, com a afluencia enorme de indios que moram no mesmo aldeamento e de outros que vêm das proximidades, convidados que são, para elas.

Uma noite, na Missão Monfort, em Cupim, na Colombia, conversava eu com um padre muito inteligente que se dedicava ao estudo das cousas de etnografia. Dizia-me ele que o indio brasileiro é essencialmente material, e por isso torna-se-lhe quasi impossivel apreender bem os misterios da religião catolica. Eu quasi me revoltei, mas como o padre era meu amigo e além disso estrangeiro, não estando portanto muito habituado com a vida de nosso incola, preferi esclarece-lo. Expliquei-lhe os diversos fenomenos religiosos indigenas, disse-lhe como as divindades do indio — *Capiriculí*, *Miningo*, *Baquidá*, *Nhaquépora*, *Bussana*, *Kenén*, *Boteá*, *Diroá*, *Dirtoá*, e muitas outras — têm as suas qualidades, os seus defeitos, os seus destinos e como até um certo ponto pode-se-lhe achar semelhança, com as divindades nossas. E' sabido que cada povo, constrói em cada época o Deus á sua semelhança, com seus defeitos e virtudes. Só o Deus Catolico, fez excepção á essa regra, pois havendo aparecido ao mundo numa época em que a devassidão era extraordinaria, em que a maldade era habito comum, procurou espalhar a bondade, o amor ao proximo e moderação dos costumes. Ora, si cada povo tem o seu deus, de acordo com sua época, é natural que sendo a mentalidade indigena de horizonte limitado, o Deus indigena seja tambem de caracteristicos mais restrictos. Entretanto, as lendas referentes aos deuses, em que os

seus trabalhos aparecem sistematizados e explicados como parábolas, deixam-nos a profunda convicção de um trabalho mental difícil e uma concepção espiritual de suas divindades. Depois de muito explicar ao nosso bom padre o quanto ele estava errado, eu lhe diss que os índios em geral compreendem bem a doutrina cristã, mas si alguns sentem certa dificuldade não é nada de admirar, porque nós mesmos, que somos de um nível intelectual bem mais elevado ás vezes ficamos sem respostas a certos fatos, visto a sua grande complexidade e a nossa incapacidade para atingi-los.

Realmente não basta viver com o índio para te-lo em mãos, é necessario sobretudo captar-lhe a confiança para que em conversa intima nos relate, com detalhes, essas cousas delicadas da religião, que cada um procura guardar só para si muito em recondito.

Uma dessas festas mais lindas, cheia de beleza pagã como diria o admiravel *Raimundo de Moraes*, ou cheia de beleza selvagem como elegantemente escreveria a pena brilhante de *Gastão Cruls*, é a festa da puberdade. Nesta festa quando a menina se transforma em moça, que passa da faze de menina e moça de *Bernardim Ribeiro*, para a de moça quasi mulher, estão esquematizados os momentos mais importante de uma vida, com as minucias necessarias a cientificar os demais presentes de que naquela malóca existe mais uma moça com aptidões para cazar. Compreende-se bem que isso seja motivo de festa, quando se recordar que a humanidade tem por função procrear e progredir.

No dia do aparecimento do primeiro signal de que a menina passou a faze de moça, raspam-lhe todo o cabelo da cabeça e segregam-na do convivio dos outros, em um ponto isolado da ôca. Aí ela deverá fazer um jejum de quatro luas ou sejam 28 dias, durante

os quais não comerá pimenta nem caça. Alimentar-se-á exclusivamente de peixe, de beijú e sobretudo de formigas saúvas torradas com sal. Durante esse tempo de reclusão o resto da tribo prepara *caxiri* para a celebração da grande festa, onde será publicamente apresentada a menina que passou a puberdade.

O *caxiri* é feito em grandes *côchos* de madeira, guardados em colossais *camutís* de barro trabalhado; é mandioca fermentada depois de alguns dias de repouso, coberta, de mixtura com água. Tem um elevado título em álcool e por isso provoca frequentemente embriaguez, dentro da qual os índios praticam desatinos até bastante graves.

Emquanto se organiza a festa a menina continúa reclusa sob as vistas da progenitora, recebendo conselhos sobre os primeiros cuidados da feminilidade, de asseio pessoal e noções sobre suas próprias obrigações no caso de se vir a cazar em breve. Depois de decorridas as quatro luas, convidam-se todos os índios das redondezas, os quais comparecem, no dia marcado, á festa, com os enfeites apropriados. E ao cair de uma tarde languida, quando o sol se deita espreguiçadamente por detraz do rendilhado verde glauco da folhagem, dá-se inicio á festa. No centro da malóca fazem uma colossal fogueira, cheia deervas olorosas, como o *cumarú*, o *puxiri*, o *alecrim*, que queimados desprenderão abundante fumaça também de doce perfume. Colocam a menina sentada sobre uma enorme *urupema*—peneira, de fina palha entrançada—e seis dos mais belos rapazes da tribo, segurando a peneira dansam em torno da magestosa píra, de modo que a fumaça embalsamada pelo perfume das especiárias silvestres, incense aquela que abandonou os brinque-

dos de criança pelos deveres de moça. As musicas mais interessantes, em tres notas regidas, repetidas a compassos diferentes, porém de candencia plangente, tocadas nos instrumentos mais diversos—*carricos, japuritús, tamborins, jaburús-cãueras, flautas*, etc.—se desenvolvem solenemente, enquanto a menina continúa a ser perfumada pela fumaça. O caxiri é distribuído amplamente, pelo rapazes em grandes cuias magnificamente pintadas a côres variegadas e as dansas se repetem numa alegria encantadora. Esta festa dura um, dois, tres ou mais dias, conforme a provisão de caxiri ou conforme o desejo dos convidados. As vezes o brilho dos festejos é bem maior, pois succede chegarem á puberdade varias moças ao mesmo tempo; então em torno á lareira vêm-se varios grupos, cada qual carregando a sua urupema com o precioso e adoravel fardo, ao som do ritmo barbaro da pocema selvagem. Parecem sobre as urupemas, as nossas queridas indias, antes princezas indús sobre tronos portentosos, tronos de marfim, conduzidos pelos seus obedientes vassalos. Talvez estas ultimas não fossem tão felizes quanto as aborigenas.

O casamento é um roubo oficializado. Os indios não se casam nunca dentro da mesma tribo, cujo membros eles dizem «parentes». Ha tribus destinadas ao casamento reciproco, que são conhecidas sob a denominação de tribus «cunhadas». O flirt, contudo, não é proibido e com frequencia vemos um indio e uma india da mesma nação passeiarem de mãos dadas, o olhar de um mergulhado no olhar do outro, tal qual encontramos tambem entre os civilizados. O amor é sempre o mesmo seja qual fôr a nacionalidade.

Quando uma nação ou antes uma familia tem um rapaz que se deseja casar, com a moça que lhe

agradou e que vive na outra tribo, os páis dos jovens concertam o casamento. Não raro dão presentes mutuos; quasi sempre a familia da moça os recebe primeiro. O joven apaixonado, a pretexto da visita vai á malóca da familia da moça de quem ele gosta e observa com cuidado o logar onde, pela noite a sua deusa arma a maquira para dormir. Depois volta á sua tribo ou nação e consegue a cumplicidade de mais alguns companheiros, para juntos raptarem a menina. Uma noite, caminhando cuidadosamente pelo dedalo da floresta, cautelosamente chegam á casa da noiva e roubam-na carregando-a para a malóca dos páis do noivo. Imediatamente a familia da menina se levanta zangada, gesticulando, brigando, ameaçando todo o mundo e quem mais grita é exactamente a mãe da moça — a sogra em perspectiva. Vejam só que até entre os indios as sogras são perigosas! A mãe da menina faz um barulho tal, que si o rapaz não soubesse ser aquilo uma parte do ceremonial sem duvida abandonaria a empresa. Descompõe o genro, pragueja, ameaça atirar-lhe pedras, flexas, roga aos deuses que o persigam, o tornem «*panema*» e afinal, vendo que não consegue muito, se acalma. Assim, o jovem par, não sem que a moça simule tambem um protesto, vai para a sua casa. Ela se debate, procura fugir, ou pelo menos faz esforços para tal, mas si o rapaz, por exemplo, solta-a atira-se novamente nos seus braços, prende-se voluntariamente para se debater de novo. Consumado o rapto, o noivo entrega a noiva aos cuidados dos seus páis. A menina fará por essa ocasião um retiro para aprender os deveres de esposa e ambas as tribus organisam um enorme caxirí para celebrar o sponsais. A principio parece que o casamento, em vista desta complicação, deva ser raro entre o incolas. Mas é bem

o contrario, o que succede. Raros são os indios celibatarios. Mas isto explica-se bem: como na vida india a mulher é quem mais trabalha, pois todo o serviço da roça lhe está afeito, o melhor processo do indio descansar é exactamente ser casado.

Outras festas cheias de poesia, plenas de encantamento são as festas da *sagração do page*, das colheitas da *mandioca* para o *caxirí*, do *Juruparí*, que serão por nós relatadas em livro brevemente a ser publicado e ora quasi ultimado.

No que respeita as superstições, o selvagem abunda na sua crença. No vôo de uma ave preta, no grito da *acauan*; no roncar do *sapo*, no urro da *onça*, no choro da *hiumára* de sua fantasia, no gargalhar da *coruja*, no passeio do *mapinguari* e em muitas outras cousas, tem ele a crença de que a sua vida está completamente subordinada e perfeitamente dominada pelos desejos desses seres imaginarios e terroristas. Para se libertar dessas cousas ele procura o *pagé* o qual com os sortilegios mais infames, e com uma bruxaria vagabunda, se prontifica a tirar-lhe o máu olhado, a inveja, a tristeza, o máu agouro, a torna-lo feliz.

A *maraquimbára* ou veneno, — feitiçaria — da desgraça, como se diz entre os que falam lingua geral, não é outra cousa mais que a utilização de um filtro magico, dominando os desejos do indio mesmo contra a sua propria vontade. Si a roça de um inimigo está florescente, vai ao *pagé* ou a *cunhã-maraquimbáriara*, mulher da feitiçaria, para fazerem-lhe um feitiço e com ele tornarem o seu inimigo o mais desgraçado dos indios. O *pagé* prepara então uma cena solene, com palavras magicas, gestos cabalisticos, palavras hermeticas, em que os ingredientes de sua feitiçaria — o sapo, a cobra, certas hervas, tomam parte importante.

Para prenderem o macaco trepado no cimo de alguma sumaúma, que como espia se eleva acima das outras na copada homogenea da selva, usam o *bará*, pedaço de herva misteriosa, seca, possuindo a propriedade de imobilizar o animal—infeliz simio!—mesmo no galho onde estiver trepado. Para segurar as moças e fazerem com que as ariscas se enternecem de coração, empregam o *niiman*, ou veneno do amor; com este veneno a moça difficil de se conseguir será completamente dominada, tal qual si fôra um passarinho tentado pelo olhar hipnotico de um bichano faminto...

O *pagé* é o encarregado dessas organizações secretas e só ele sabe como deve preparar os seus bruxedos e como deve destruir os «candomblés» alheios. As fizes porque passou para conseguir a perfectibilidade e a ciencia de um completo *pagé*, as penitencias demoradas e as penas mais arduas, dão-lhe o poder de conversar com Deus, de conhecer todas as virtudes das plantas as mais diferentes, de aprender todos os contra-venenos e contra-feitiços. A sua autoridade é ilimitada ele age quasi sempre de maneira ainda mais discricionaria do que os seus direitos de *pagé* o permitem. Sabe de tudo o que se passa na malóca, de todos os recantos conhece as minucias e nada se faz seja casamento ou enterro, festa ou guerra, sem que a sua sapiencia seja consultada e obedecidas com verdadeiro respeito as suas determinações. Nada lhe é occulto e com o prestigio que possúe, frequentemente para faze-lo valer, determina cousas alcançando as ráias do absurdo. A uma mulher que teve dois filhos ao mesmo tempo, em *Santa Terezita*, o *pagé* determinou que um fosse enterrado vivo, afim do Deus ficar satisfeito. A mulher sem a menor cerimonia, abriu uma cova no terreiro e aí mergulhou a pobre criancinha

Quando o padre da Missão soube do fato repreendeu seriamente a mãe da criança e ela sómente respondeu, que fizera aquilo por ordem do *pagé*. Outras vezes também se encarregam de eliminar os desafetos, com pequenas doses de venenos fortíssimos, só conhecidos por eles, sem deixar o menor vestígio. Não raro abusam da autoridade. Dizem a um pobre índio que tem qualquer dor: «Você *manuana*! ». O índio imediatamente toma a *maquira*, vai para o fundo da mata sem levar alimento algum ou arma, ou fogo, e deitado,, olhando o céu azul, muito límpido, exposto ao sol, á chuva, ao orvalho espera o dia de sua morte. O *pagé* disse «*manuana*» morrerá mesmo...

Por mais dura que seja a sentença do *pagé*, não ha como fugir a ela. Mais ou menos do mesmo modo procediam os Gregos pelos oráculos e certos reis antigos determinavam a morte dos seus vassallos com uma simples declaração.

VIII

Idiomas incolas. Línguas faladas na região. A expressão emprestada á palavra pela mimica do índio.

A região por nós percorrida, póde-se calcular seja habitada por mais ou menos 5.000 índios. Alguns, como os padres de *Monfort*, dão um numero bem mais elevado do qual discordamos. Entre o *Rio Negro*, *Uaupês* e *Papuri*, difficilmente se encontrarão índios que ultrapassem a cifra exposta. Contando com os índios do *Tiquié*, certamente esta cifra será bem mais alta, mas aí não fomos e nada sobre este rio poderemos dizer. Desses 5.000 índios, uns 2.000 falam o *nheengatú* ou *língua geral*,—são os índios do *Rio Negro*, e alguns poucos de *Taracúá*—, os demais, 3.000,

falam o *tucano* como dialeto geral, mas cada nação tem o seu idioma proprio. Esses são numerosos—*uanana*, *deçano*, *piratapuío*, *carapanã*, *tariano*, *micuratapuia*, *baniua*, *cubéua*, etc. O *tucano*, falado pelos indios tucanos é uma especie de idioma diplomatico, de fran ez, conhecido de todos os indios da região. Quem souber *nheengatú* poderá falar com os indios do *Rio Negro*, quem souber *tucano*, falará com os indios do *Uaupês* e *Papurí*. O estudo dessas linguas selvagens foi admiravelmente feito pelo sabio *Dr. Kock*, padre Monfortiano, especialista em linguistica, que durante cerca de cinco anos, viveu em *Santa Teresita*, aprendendo exatamente esses vocabularios selvagens, para depois escrever sobre eles. Estudou mais detalhadamente o *tucano*, cuja gramatica maravilhosa-mente preparada é sem duvida a chave da lingua, escrita com uma precisão e concisão dignas dos elogios os mais francos. Ao *darsee* ou *tucano*, nada falta para ser considerada uma lingua complexa, pois os verbos permitem flexões mais variadas ainda do que as flexões do portuguez. Com um verbo origem consegue-se compôr um grande numero de outras palavras, por meio de prefixos, de derivação, de justa posição ou de desinencia. A lingua tem a preferencia pelos sons guturais, daí a grande facilidade que os padres holandezes encontram no seu aprendizado. Entre nós existe na *Missão Salesiana* de *Jauaretê* um padre, o Padre João Marchesi, que é italiano, que maneja tão bem o *tucano* quanto o portuguez; muitos dos seus sermões são falados no mais puro *darsee*.

Um dos padres da *Missão Monfort*, com o qual conversei demoradamente acerca do *tucano*, respondeu que ele o estuda ha dois anos e ainda não o sabe

completamente; para aprendê-lo necessitaria de, pelo menos, quatro anos de estudo efetivo.

Mesmo dentro do *tucano* encontram-se grandes diferenças segundo são índios de uma ou outra tribo que falam. Dá-se mais ou menos o mesmo que com o portuguez, cujas variações de pronuncia e até de construção de frase são notadas, em logares diversos. Os índios origem, chamados «*índios cabeça*» sabem em geral um *tucano* mais puro e os outros índios provindos da subdivisão, têm noções de um *tucano* mais arrevesado, mais imperfeito.

A conversa entre os índios, seja entre *tucano*, geral ou portuguez é muito monotona. São simples interrogações com as respostas imediatas, banalidades, cousas sem vida, sem grande expressão para nós os civilizados que lhe não compreendemos o valor das intonações da voz, nem o complemento dos gestos. São muito onomatopaicos. Lembro-me perfeitamente do dia em que cheguei a *Santa Terezita*. Imediatamente mandei armar o toldo de campanha, construir a barraca da enfermaria e depois cuidar da hygiene do acampamento. Os índios acorreram pressuroso, a ver quem havia chegado, o que estava fazendo, o que iria fazer. Um deles mais afoito, tornando-se chefe do grupo, perguntou-me numa mistura de portuguez e geral quem eu era; respondi-lhe que era Dr., o *al' bercace* ou *pagé branco*, porque entre os índios o *pagé* é o Dr.

Logo ele se vïrou para o companheiro e disse:

—Dotôro... — e mostrou-me assim com o dedo.

O outro repetiu:

—Dotôro?

—Sim, dotôro — falou um terceiro.

—Ahn! dotôro... — murmurou o quarto.

E assim correndo de um em um, cada qual murmurando que eu era doutor ficaram compreendendo, e se deram por satisfeitos. Foi só o que conversamos na primeira visita.

Outra ocasião, um índio foi caçar de espingarda. Cada carga de pólvora deve ter a medida duma tampa do polvarim. Mas como a pólvora nestas regiões é vendida á preço de ouro, eles não hesitam em enganar a medida e com frequencia ao envez de uma medida põem somente um terço ou menos. O resultado é que o tiro não sai ou não tem força para alcançar o alvo em mira. O índio vinha aborrecido, cansado, talvez houvesse corrido muito. Perguntei-lhe o que sucedera e ele me respondeu gesticulando excessivamente:

—Pim... pam... pum... fuuuuuuu!... uerquê uáa!...

Eu pensei um pouco, achei a resposta muito arrevezada para ser compreendida de primeiro ouvido, mórmente para quem não sabe a bela lingua darseie. Mas depois de pequeno espaço de tempo consegui decifrar:

—Pim... pam... pum... fuuuuuuu!...

Quer dizer que o tiro saiu se arrastando pelo cano da espingarda, sem a força suficiente para detonar.

—Uerquê uáa... — quer dizer: — A anta foi-se.

Logo o tiro falhou e a anta fugiu; o índio por economia perdera a pólvora, o chumbo, o tempo e sobretudo a bela caça, com a qual provavelmente já contava para o seu precioso *moqué*m.

Quando se encontram duas canôas, que uma sóbe o rio e outra o desce, ha um tempo de silencio absoluto, até que elas passem solenemente uma ao lado

da outra, sem se ouvir a mínima palavra de suas tripulações. Depois que se distanciam a tripulação de uma grita para da outra:

— Para onde vais?

A da outra responde:

— Para cima, e tu?

— Eu, vou para baixo...

— Ahn!...

Uaá... — adeus!

E lá segue cada um o seu rumo.

Outra ocasião veio ao meu acampamento um incola dizendo que motor da Comissão estivera no porto da sua malóca. Porém a narrativa foi a mais resumida possível:

— Tátátátátá..... átí!...

— Tátátátátá..... uaá!...

Traduzindo: o aparelho que faz *tátátátá*, veio e o aparelho que faz *tátátátá*, foi-se. Só poderia ser o motor. Não conhecemos outro aparelho que faça *tátátá*...

Assim eles se entendem facilmente e quem quiser conhecer o *tucano*, deve antes procurar aprender bem os gestos e depois a língua. Vale mais a pena saber mimica. A palavra vem depois.

A outra língua falada na região é *nheengatú* ou língua geral, que por ser sobejamente conhecida na Amazonia, nos dispensamos em entrar em detalhes a respeito dela.

Obra religiosa. O abandono votado á região pelos poderes públicos. Os Salesianos. Os Padres Monfortianos. O serviço de Protecção aos Indios

Eu deveria limitar este breve capitulo na nossa ligeira palestra, unicamente á obra salesiana no *Rio Negro*, e *Uaupês*, mas succede que fomos até o *Papuri*, onde tivemos oportunidade de observar o trabalho herculeo dos padres monfortianos. Desnecessario se torna dizer que ao comentarmos 'a obra dos padres salesianos e 'monfortianos não nos move a menor particula de sectarismo. Fazemo-lo porque achamos um dever de officio prestar justiça aos que se entregam ao arduo e fatigante trabalho de ensinar ao brasileiro, que vive recolhido no interior deste imenso sertão. E o que criticarmos, se-lo-á feito tambem sem a menor idéa de demolição, como simples observações retiradas dos nossos cadernos de diario de viagem.

De ha muito esta região deveria ser assistida pelos governos, mas são as condições particulares da vida nacional, certamente é que têm impedido a assistencia das autoridades.

Em *Barcelos*, no *Rio Negro*, em *São Gabriel* tambem no *Rio Negro*, em *Taracuá*, em *Jauaretê*, e brevemente em *Iutica*, no rio *Uaupês*, os padres mantêm as suas missões. As que existem até o presente, são edificios luxuosos para o logar, mas ainda modestos no aspecto externo e verdadeiramente portentosos pela obra que representam. Deve-se fazer justiça dizendo que o impulso estético, a ordem social são estabelecidos nesses logares, quasi exclusivamente devido ao esforço ardoroso e verdadeiramente dedicado dos bondosos padres salesianos, os

quais num refinamento de amor pelas criancinhas, cumprindo a maravilhosa ordem de *D. Bosco*, distribuem ao lado do pão do espirito o pão da inteligência. Entre os nossos padres salesianos e padres monfortianos, tenho para mim que os ultimos se preocupam mais com a religião do que com a civilização, fazendo o contrario dos primeiros. E' preciso civilizar o indio inicialmente, mas depois catequizá-lo. Em certas tribus o serviço de catequêze pode ir de mãos dadas com o da civilização, noutras entretanto é imprescindivel que a civilização seja iniciada primeiro e depois o de catequêze.

As *Missões Salesianas do Rio Negro e do Uaupês*, são das mais antigas do Amazonas. Primitivamente foram os padres Carmelitas, depois os padres Franciscanos que apesar de toda a sua bôa vontade, pequenissimos resultados conseguiram. A época em que eles trabalharam, era das mais improprias pois o gentio por muito andacioso e valente, não admitia a intromissão de extranhos, nos atos de sua vida religiosa, nem consentia que os padres alterassem a sua norma de vida, nem sempre compativel com a civilização ocidental. Talvez, houvesse um pouco de inabilidade por parte de alguns padres, mesmo sendo dirigidos sempre pela bôa intenção. Foi sómente em 1914, por ato de 18 de Junho, que o *Rev. Papa Pio X*, pelo Decreto da Sagrada Congregação da Fé, entregou aos Salesianos a ingenté obra de catequêze do *Rio Negro*. A Bula que então homologou este áto denominava-se «*Christianes Religiones*». Daí para cá começaram os sacerdotes a fazer um trabalho metodico, que felizmente, tem sido coroado do mais extraordinario exito. Hoje pode-se admirar em cada uma dessas povoações, que foram por nós percorridas, não só a escola, como a

igreja, o campo agrícola, a banda de música e até mesmo o hospital. Na zona existem os dois hospitais salesianos, de *São Gabriel* e de *Taracúá*, enquanto que a atividade incansável do reverendo padre Marchesi e do padre Ezequiel, constrói, presentemente em *Jauaretê* mais um hospital para os selvícolas, maior do que os anteriores e com melhores acomodações. Mesmo em *São Gabriel*, erige-se hoje uma nova Santa Casa, para sobrepujar a que já existe e que os salesianos consideram como não preenchendo os seus fins, apesar de otimamente aparelhada. O serviço de assistência está entregue às boas Irmãs de Maria Auxiliadora, que se desdobram em carinho e em amor para com o gentio distribuindo-lhes não só alimentos, como roupas e medicamentos e atendendo-os sempre que necessario. Algumas dessas Irmãs são formadas e têm uma cultura medica bastante elevada.

Depois dos seis meses que tive ocasião de percorrer observando cuidadosamente esta região sou obrigado a afirmar publicamente que nessas missões salesianas é que está cristalizada a vida destes logares.

Quando a nossa Comissão subiu e que diversos dos seus primeiros membros ficaram gravemente doentes, inclusive este que vos fala, nos padres salesianos, principalmente na dedicação do *Padre João Marchesi*, é que encontrou o carinho, o conforto e o auxilio de que precisou. O *Padre Marchesi* como tive ocasião de observar, doente mesmo, pois de ha muito sofre de impaludismo, vivendo como vive ha mais de dez anos nestas plagas, batendo os dentes no acesso de tremedeira, vagueia pela aldeia indigena de *Taracúá*, de seringa numa das mãos, o vidro de alcool e as injeções na outra a assistir, com a maior dedicação possível, ao gentio que tambem foi muito atacado no

recente surto epidemico de sezões. Como ele os demais sacerdotes, não havendo por mais que se procure, motivo para realçar um ou outro, com o obscurecimento do trabalho dos demais.

Cerca de 800 criancinhas, quasi todas indigenas, algumas poucas somente civilizadas, falando uma porção de dialetos diferentes, numa confusão de Babel brasileira, são educadas primeiro no ensino da lingua portugueza, no amor a patria, nas noções de patriotismo e depois ensinadas nos preceitos de religião. A Missão Salesiana de *Taracúá* e *Jauaretê*, tem indios como motoristas de suas lanchas, que nada ficam a dever aos motoristas de carreira, aprendidos em Manáus. As crianças vivem num ambiente de amor, de igualdade e ao carinho, verdadeiramente cristão das bondosas Irmãs e dos Padres, respondem com a mais franca demonstração de positiva dedicação. Aos domingos formam em festas escolares, entoando canticos alusivos ao áto, depois de cantarem com o maior patriotismo o nosso querido e belo Hino Nacional; fazem gínastica, e as meninas aprendem o bordado, a musica, a pintura e tambem os folguedos de *roda*, *chicote queimado*, *cabracega*, *amarelinha*, etc., afim de pouco a pouco se irem acostumando com os brinquedos civilizados e abandonando os rudes divertimentos indigenas.

O espirito do padre Noé, misto de catequista energico, ardoroso, «doublé» de intelectual e caridoso, deixou-nos profunda impressão de saudade pelo amor com que trata as criancinhas que mais lhe parecem irmãs, que propriamente púpilas. Sempre com elas, sempre no meio delas, recebe em troca da sua amisa-

tributam os inocentes, numa retribuição merecida ao muito bem que lhes faz.

O maior castigo que se póde dar a uma criança entre os salesianos é ameaça-la da expulsão do collegio. Eu assisti a um gurisinho peralta, que vivia sempre importunando os demais, atrapalhando as aulas, sem conseguirem os padres meios de o refrear. O Padre chamou-o certo dia e disse-lhe: — « Menino se continuares assim eu te mandarei para casa ». A criança chorou e respondeu: « Padre, eu sei que fiz mal; manda-me me bater, mas não me manda para casa, si não eu não posso mais aprender coisa alguma ». Excusado é dizer que a hipotese da pancadaria é coisa que não passa nem por longe, pelo cerebro dos salesianos.

A obra dos *Padres Monfortianos* é também digna de elogios, com a agravante de que estão ainda mais distantes do que os salesianos, numa zona onde os recursos são excessivamente escassos, com um menor pessoal e com indios também bem mais atrasados. Muito no interior, dentro do territorio de Colombia, desdobram também os bons padres monfortianos um trabalho continuo, procurando de um campo esteril, onde o joio medra com a maior facilidade. retirar o melhor resultado da plantação do trigo. Para ver o grande carinho que lhes merecem as crianças colombianas e as brasileiras que vão a Monfort, pedir guarida no collegio que lá mantêm as Irmãs colombianas, basta se saber que a *Missão do Beato Monfort* mandou buscar de *Holanda* um padre medico, para assistir aos indios nas suas enfermidades. No inicio. trabalhou com os padres monfortianos um padre brasileiro que deixou impressão inesquecível no coração dos nossos amigos, conforme tive oportunidade de constatar. O meu colega, Rev. Padre Dr. André Linssen,

vive diariamente entre os doentinhos, num trabalho verdadeiramente maravilhoso, fazendo curativos, distribuindo medicamentos, dentro mesmo da vida de Monfort, quando não faz viagem pelo interior da Colombia, atendendo aos filhos dos selvicolas. Quando por lá passei, tive o supremo prazea de poder auxiliá-la praticando em sua companhia algumas intervenções cirurgicas que que ele só não poderia realizar. Fizemos uma ótima camaradagem e amizade e eu só lastimo ser obrigado a tão cedo, abandonar a região das missões, pois com elas me senti tão bem que ainda hoje tenho fundas saudades das pitorescas passagens do *Papurí*.

Quanto ao *Serviço de Proteção aos Indios*, mantem nesta região tres postos: um na foz do rio *Kerari*, acima de *Iutica*, outro em *Japú-Cachoeira* no *Alto Papurí* e o terceiro em *Jauaretê*. São simples postos de vigilancia, cujos recursos não permitem uma ação muito vasta. Seria de todo o patriotismo e da maxima vantagem economica e social que o Governo fornecesse a estes postos os recursos suficientes a exercerem a sua nobre e proveitosa missão. Em torno ao *Posto do Uaupês* em *Jauaretê*, existe uma prospera aldeia indigena, de indios *Tarianos*, com plantações, trabalhos de cerâmica e de tucum, que eles executam com rara maestria. Nos demais postos o adiantamento é bem menor, mas se deve atender, que o *Serviço de Proteção aos Indios*, com uma verba muito escassa tem que atender aos inumeros postos do vasto Amazonas.

X

A aurora da região. O futuro do Brasil. A prosperidade da zona, numa alvorada próxima.

Como evoluem as civilizações. O índio civilizado!

Para se conhecer ou melhor calcular o futuro de qualquer região, de um dado país, torna-se imprescindível saber do passado e indagar das condições do presente. Essa longa faixa de terra brasilica, perdida na planície, forneceu em tempos que já se jogaram nas Termopilas das eras, riquezas fabulosas aos seus primeiros penetradores. Aí exploraram inicialmente as especiarias; *Carvoeiro*, *Barcelos*, *Airão*, *Tomar*, *Moura*, e muitas outras localidades, foram grandes centros productores. Mais tarde porém, com a cultura sistematizada noutros países as riquezas locais foram se tornando mais escassas e menos remuneradoras do trabalho. Dirigiram a atividade então para a borracha, para a pesca e até para as plantações de algodão, havendo mesmo se preparado diversas fabricas de tecidos, com o intuito de se melhorarem as condições economicas da zona. A borracha principalmente, na época em que subiu, quando sua extração e as vidas sacrificadas na sua exploração eram fartamente compensadas por um preço fabuloso, permitiu ao *Rio Negro* e *Uaupês*, uma nova faze de resplendor. Depois os tempos se encarregaram de jogar estas esperanças cachoeiras abaixo, na vertigem das aguas espumejantes, abismando as esperanças acalentadas com o maior amor. Depois da borracha a balata e agora, parece que infelizmente a castanha e a piassava muito encontradas ainda neste rincão, são pouco remuneradoras do labor humano. Houve aurora na região, quando as diversas povoa-

ções repontaram cheias de vida; vilas que hoje têm uma ou duas casas, tiveram então 100 ou 200 fogos, com mais de 500 a 1000 habitantes e o *Rio Negro*, e *Uaupês*, pareciam antes uma colmeia de trabalho. Quanto ao *Papurí* só foi explorado muito tarde, depois que se começou a espalhar a noticia do tratado de *Bogotá*, até esta esta época vivia quasi desconhecido; só depois então é que colombianos e brasileiros dirigiram as vistas para esse pedaço opulento do sólo de suas Patrias que confinavam, num amplexo de amor continental, numa demonstração de união sul-americana !

Mas quem percorrer a região, examinando a fertilidade da terra, o animo forte dos seus habitantes verá que, certamente não está muito longe o dia de uma nova aurora, cheia de luz, capaz de produzir uma copiosa felicidade, iluminando com os seus raios de ouro o verde esperançoso da mata e o amarelo quasi dourado de alguma folhagem resequida. Essas florinhas, vermelhas e azúes, roxas e lilazes, alaranjadas e douradas, que salpicam a mata nos seus diversos pontos, serão pequenas pedras preciosas espalhadas por mão do divino nababo, como enfeites do País de Esmeralda. Contam as lendas que havia na *Arabia* antiga, um palacio cujo interior era todo atapetado de safiras, rubis, esmeraldas, cujos fócios de luz, eram enormes brilhantes encravados nos zimbórios das habitações. Tenho para mini que o cronista se enganou. Esse país não é na *Arabia*, é no Brasil, na Amazonia, no Rio Negro... Dentro de um futuro muito breve, a terra do Rio Negro será trabalhada, o grande celeiro do Mundo de que nos fala o espirito deliciosamente otimista de Humboldt, terá aí o mais farto abastecedor, o seu mais gigantesco paiol. Medrarão plantas, num

sólo fértil, estrumado pelo húmus da corrente de um dos maiores e mais portentosos rios da planície verde; aí vingarão as colheitas viçosas, trabalhadas pela mão ativa dos homens acostumados á luta pela existência, contra a natureza e contra os próprios homens. Aí desabrocharão as roseiras da felicidade e as catleias brasílicas, numa variegada associação de côres e perfumes embriagadores, farão a grande festa da vida no meio da mata da nossa querida terra! A civilização vai caminhando gradativamente do Oriente para Ocidente e assim também irá subindo do Sul para o Norte. Esperemos e não desanimemos!

O Amazonas é a terra das esperanças, dos sonhos e das realidades e não são as palavras de detra- tores gratuitos que irão derrocar esta esperança aci- mentada nas bases do mais profundo amor á terra de *Ajuricaba*. Olhemos a *China*, que foi um dos países mais adiantados do Universo olhemos a *Índia*, a *Grecia*, o *Egito* e outras nações que nos tempos his- toricos construíram obras que ainda hoje pasmam os contempladores contemporaneos. Que sucedeu? Foram pouco a pouco perdendo a hegemonia da sua intele- tualidade, cedendo-a á Europa. Esta também brilhou, alcândorou-nos nos elevados de uma luz gloriosa e refulgente, foi o cérebro do mundo, aí se forjaram as teorias mais abusadas do saber humano, aí se desco- briram as filigranas do funcionamento do sistema 'ner- voso animal, aí se inventaram as 'primeiras máquinas á vapor e os motores de explosão e durante se- culos Goethe, Heine, Schopenhauer, Byron e Pascal, pensaram que o mundo se curvaria para sempre ao cérebro do velho mundo e aos lampejos da velha civi- lização. Ninguém na Europa acreditava que a teia de aranha pudesse embotar a inteligência do Velho Con-

tinente. Ninguém julgava que a Europa algum dia perderia a sua coroa de rainha da cultura mundial, que o brilho do seu saber se fosse apagando como o brilho das estrelas que durante um certo tempo iluminam-nos lá do alto do céu, mas que progredindo depois na sua marcha para o ignoto infinito, vão se atenuando, de pouco a pouco até se extinguirem por absoluto. Todos esperavam que o champagne da Europa, por ela amplamente distribuído pelo mundo nos banquetes de arte e de cultura, embebedaria para sempre o encéfalo da humanidade e que ninguém conseguiria obter, nas ciências, nas letras, nas artes, um centesimo a mais de progresso. «Alcançamos o ponto final do saber humano», dizia numa das suas audaciosas conferencias a intelligencia brilhante de Buechner. Kramer, outra vez, outra vez, falando na Grande Universidade de Breslau, afirmava, num requinte de deboche e num enfatuamento de convencido sabio: «Além do horizonte europeu, a ignorancia embota o cerebro humano. Venha á Europa quem quizer a sua cultura». Mas, oh! ironia! A America, o Novo Mundo, veio aparecendo, saindo do seu silencio, produzindo pouco a pouco e com a descoberta e estudo dos fenomenos electricos, uma nova auróra raiá na fimbria do horizonte do nosso continente. Assim tambem succederá ao Brasil. Hoje é o dia dos Estados do Sul, estados cheios de recursos, protegidos pelos governos que passaram, estados que vivem porque o braço do estrangeiro aí veio desbastar a terra com o suor do seu rosto, na conquista das economias que levará para o paiz natal... Mas tenhamos confiança no futuro de amanhã! Amanhã as terras do sul estarão cansadas, a população estará condensada, não haverá mais logar para as plantações, os climas se irão modificando com o evoluer dos tempos, como se

modificam os caracteres humanos, os novos recursos de ciencia se irão aprimorando de pouco a pouco, a luta pela vida no Norte, será tornada mais facil, a medicina terá descoberro meio absoluto e eficaz de destruir os grande flagelos desta terra verde e vermelha - o *paludismo* e a *lepra*—e assim, num dia cheio de claro, numa auróra radiante, sem cousa alguma a escurecer o campo da vista e do sonho, aparecerá garbosa, alimentando mais de 100 milhões de habitantes o pedaço da zona, onde hoje apenas alguns milhares têm coragem de viver! A esperança é o ultimo alento do homem; conserve-mo-la permanente, como um fogo sagrado; como o incenso conservado pelos romanos nas píras sagradas, guardadas pelas mais formosas donzelas e em breve teremos que a situação de angustia em que se debate a terras dos *manãos*, estará completamente dominada, e esta terra querida se levantará altiva, para ver passar submisso, pela sua frente, o trem imenso, composto com os carros do resto do mundo que se ve n curvar ao seu resplendor!...

Nada mais haverá que lhe possa pertubar a cavalgada garbosa e valente que fará na senda do Progresso e no caminho da Gloria!

Tenhamos confiança, sejamos firmes e trabalhe-mos pelo Amazonas, querido Amazonas! que em breve, gigante como é na terra, maior do que muitos paizes da Europa, será tambem gigante na sua envergadura economica e intelectual e hoje o que lhe é pesado fardo de divida, será fatalmente substituido por va-gões carregadissimos com o saldo da Victoria! Nada mais haverá que possa impecer esta marcha de uma só arrancada, num avanço célere no caminho do adiantamento e a primeira estrada da seringueira, que foi aberta com o sangue dos infelizes que se em-

brenharam sertões a dentro, será transformada em formosa avenida, cujo ornamento principal devem ser as glórias das primeiras penetrações amazônicas.

E o homem, o indio, o filho de Ajuricaba, antigo descendente dos Manáus ou dos Barés, alteiará o seu busto orgulhoso, estufará cheio de glórias o seu peito, olhará destemoroso e superior para o longinquo passado que se abrumou nas sombras do tempo e dando gritos selvagens, de arco e flexa em riste; num assomo de odio e de gloria, de amor e de victoria fará a maravilhosa conquista das terras que foram roubadas pelos invasores! Será a cavalgada do homem na Natureza, será a reconquista do berço dos nossos antepassados, dos Amazonas.

Depois encostado ao tronco altaneiro da sumau-meira erecta, que com seus flócos brancos de penungem tenúe, quais fragmentos de neve, qual o cabelo dos anciãos que morreram nas lutas passadas se eleva acima da copada da selva, ele contemplará estasiado a sua obra opulenta, verá dos escombros das antigas barracas de caranã saírem castelos, das suas catacumbas e igaçabas onde respeitosa e guardava os antepassados sobresaírem as torres altas dos grandes edificios, o seu arco e a sua flexa serem substituídos pela charrúa, a sua independencia ser proclamada definitivamente! E, lá na aurora que virá nascendo, com o tinto rubro do horizonte pelas barras sanguíneas da manhã, terá o sangue dos antepassados! O imenso sol, pendurado do alto do ceu, quente e vermelho, luminoso e grande, dar-lhe-á a impressão pitoresca da cavalgada da victoria que com todos os esforços ele fez, atravez dos seculos, no dominio dos tempos, contra os seus parentes e contra os estrangei-

ros, contra a natureza e contra a sua crença, mas por amor somente da terra que lhe dando o berço, lhe dará a tumba, dando-lhe a vida lhe destruirá o corpo!

Esperemos esse olhar satisfeito dos Manáus, que certamente não tardará e tenhamos confiança de que a Vitoria ainda mesmo custando o sangue e a dôr chegará algum dia, e saibamos que ela será tanto mais bela, quanto mais sangue e mais dôr exigir para a sua conquista...



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura

